

ALBERTO MAGNO E SEUS ALUNOS: TENTATIVA DE DETERMINAÇÃO DE UMA RELAÇÃO¹

ALBERTUS MAGNUS AND HIS STUDENTS: ATTEMPT TO DETERMINATE A RELATIONSHIP

Henryk Anzulewicz²

Tradução de Matteo Raschiatti

RESUMO

A partir do final de 1230 até metade de 1270, Alberto Magno esteve ao serviço da ciência em diferentes lugares – nas casas de estudo dos dominicanos na província da Teutônia, na Universidade de Paris e no *Studium Generale* dominicano em Colônia. Pertencendo à elite de seu tempo, ele educou um grande número de alunos em todas as três localidades. Apenas um punhado de seus alunos são ainda conhecidos por nós, ou pelo nome ou pelo trabalho. A finalidade principal desse artigo é lançar mais luz sobre as relações mestre-aluno de Alberto. Em particular, seu objetivo é esclarecer com mais detalhes a visão do Alberto do aluno perfeito, retratar suas relações mestre-aluno rastreáveis historicamente, e revisitar a relação interpessoal bem como científica entre Alberto e seus dois alunos mais famosos, Tomás de Aquino e Ulrico de Estrasburgo. No apêndice ao artigo, é fornecida uma lista provisória dos alunos de Alberto junto com uma breve caracterização de cada um deles.

Palavras-chave: Alberto Magno. Alunos. *Studium Generale* em Colônia.

¹ Tradução do texto: ANZULEWICZ, Henryk. Albertus Magnus und seine Schüler Versuch einer Verhältnisbestimmung. In: SPEER, Andreas; JESCHKE, Thomas (Hgg.). **Schüler und Meister**. Berlin: de Gruyter, 2016. (Miscellanea Mediaevalia; Bd. 39, pp. 159-204).

² Doutor em Teologia Sistemática pela Theologischen Fakultät der Rheinischen Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn. Membro e professor na Academia de Ciências da República Theca. *E-mail*: anzulewicz@albertus-magnus-institut.de

ABSTRACT

From the end of 1230 until half of 1270, Albertus Magnus was at the service of science in different places - in the houses of study of the Dominicans in the province of Teutonia, at the University of Paris and at the Dominican Studium Generale in Cologne. Belonging to the elite of his time, he educated a large number of students in all three locations. Only a handful of his students are still known to us, either by name or work. The main purpose of this article is to shed more light on Alberto's master-student relationships. In particular, its objective is to clarify Alberto's vision of the perfect student in more detail, portray his historically traceable master-student relationships, and revisit the interpersonal as well as scientific relationship between Alberto and his two most famous students, The Aquinate and Ulrico of Strasbourg. In the appendix to the article, a provisional list of Alberto's students is provided along with a brief characterization of each one.

Keywords: Albertus Magnus. Students. Cologne Studium Generale.

I

A urbanização do Ocidente latino, característica dos séculos XII e XIII, ocasionou um enorme desenvolvimento de velhas e novas formas de vida comunitária e de movimentos religiosos, bem como o florescimento dos sistemas educacionais e das ciências. Nesse tempo de transformações e de novos começos nasceu, por volta de 1200, numa família abastada em Lauingen, junto ao Danúbio (uma cidade fundada na época dos Hohenstaufen no final do século XII), Alberto, que foi chamado pela posteridade de Alberto Magno. Ele cresceu no vale do Danúbio, onde seguiu os vários processos da vida e da natureza com um olhar atento, que ocasionalmente indicou na sua idade mais avançada. Uma formação escolar completa, que provavelmente obteve em Augsburg, abriu-lhe o caminho para o estudo na Itália. Durante seu período de estudos em Pádua, ingressou na ordem Dominicana no ano de 1223 ou 1229. Completou o período de prova como noviço no convento de Colônia, em seu país de origem, onde também cursou pelo menos quatro anos de estudos de teologia e recebeu a ordenação presbiteral. Sucessivamente tornou-se professor (leitor), dedicando-se à formação pastoral-teológica dos seus confrades³. Os historiadores,

³ A fundação do convento de Colônia foi em 1211; cf. G. M. Löhr, *Beiträge zur Geschichte des Kölner Dominikanerklosters im Mittelalter*, vol. 1 (Quellen und Forschungen zur Geschichte des Dominikanerordens in Deutschland 15), Leipzig 1920, 1. Os principais detalhes biográficos de Alberto até seus estudos em Paris no início dos anos de 1240 (aproximadamente 1242) e o Doutorado em 1245, não são historicamente seguros e são baseados em conjecturas; para uma visão geral de acordo com o estado atual da pesquisa, consultar: Albertus-Magnus-Institut (ed.), *Albertus Magnus und sein System der Wissenschaften. Schlüsseltexte in Übersetzung Lateinisch-Deutsch*, Münster 2011, 28-31. Autores que esclarecem as condições do estudo na Ordem Dominicana nos primeiros anos após sua fundação são, entre os outros, D. Berg, *Armut und Wissenschaft. Beiträge zur Geschichte des Studienwesens der Bettelorden im 13. Jahrhundert* (Geschichte und Gesellschaft. Bochumer Historische Studien 15), Düsseldorf 1977, 58-67; W. Senner, *Die rheinischen studia der Dominikaner im Mittelalter: Alternative und Vorläufer der universitates studiorum*, in: L. Cesalli/N. Germann/M. J. F. M. Hoenen (eds.), *University, Council, City. Intellectual Culture on the Rhine (1300-1550)* (Rencontres de Philosophie Médiévale 13), Turnhout 2007, 3-45, aqui 14-15. Cf. também A. M. Walz, *Albert der Große als Lector Coloniensis*, in: *Angelicum* 9 (1932), 147-167.

baseados nas fontes disponíveis, concordam (por quanto possível) que seu primeiro lugar de atividade como Leitor fora de Colônia, após ter operado aqui até 1233, foi o convento em Hildesheim (fundado em 1233). A ele seguiram cargos de docência nas casas da Ordem em Friburgo em Brisgóvia, Ratisbona, Estrasburgo e possivelmente ainda em Colônia⁴. Disso deve-se concluir que, durante esta primeira fase de sua atividade de Leitor nos conventos alemães, que durou aproximadamente dez anos, reuniu um número considerável de ouvintes ao redor de si. Entre eles havia não apenas os recém-chegados mas também todos os membros dos conventos e, inclusive, seus superiores (Priores), que, pelos estatutos da Ordem, estavam incumbidos do estudo da teologia que devia servir para a pregação e o cuidado pastoral, enquanto tarefa principal à qual os frades Pregadores deviam se dedicar constantemente⁵. Em relação ao seu público desse período – dos alunos em sentido estrito ainda não se pode falar – não dispomos de conhecimentos históricos garantidos. A fonte básica extremamente restrita, ou até mesmo inexistente, torna a reconstrução da lista dos priores e dos membros de cada uma das casas da ordem para o período dos prováveis Leitorados de Alberto, como Gabriel M. Löhr e Heribert Chr. Scheeben têm detectado, um empreendimento audacioso sem esperança⁶. Caso também, através

⁴ Cf. H. C. Scheeben, *Albert der Große. Zur Chronologie seines Lebens* (Quellen und Forschungen zur Geschichte des Dominikanerordens in Deutschland 27), Vechta-Leipzig 1931, 18-20; abaixo nota 6.

⁵ Cf. *Constitutiones antique Ordinis Fratrum Predicatorum*, ed. A. H. Thomas (De oudste constituties van de dominicanen), Leuven 1965, 311: “*Ad hec tamen in conventu suo prelatus dispensandi cum fratribus habeat potestatem, cum sibi aliquando videbitur expedire, in hiis precipue, que studium vel predicationem vel animarum fructum videbuntur impedire, cum ordo noster specialiter ob predicationem et animarum salutem ab initio noscatur institutus fuisse, et studium nostrum ad hoc principaliter ardentemque summo opere debeat intendere, ut proximorum animabus possimus utiles esse*”. W. P. Eckert, *Die Generalstudien der Mendikantenorden in Köln während des 13. und frühen 14. Jahrhunderts*, in: L. Honnefelder et alii (eds.), *Dombau und Theologie im mittelalterlichen Köln* (Studien zum Kölner Dom 6), Köln 1998, 384.

⁶ Löhr, *Beiträge* (nt. 1), 55-60. H. C. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis*, in: Alberto Magno. *Atti della Settimana Albertina celebrata in Roma nei giorni 9-14 Nov. 1931*, Roma s. a., 182 (Separatum 6).

de um exame renovado das fontes e de novas pesquisas que têm a ver com nossa pergunta, alguém descubra que Alberto ensinou no período que vai até seu Doutorado em Paris (1245), vale o mesmo, ou seja, que do simples conhecimento dos nomes nenhuma conclusão possa ser derivadas sobre a relação dos ouvintes para com seu professor. No entanto, pertence ao bem comum da tradição da Ordem religiosa aquilo que Pedro da Prússia, o biógrafo de Alberto, sustenta, a saber, que seu sucesso no ensino e seu reconhecimento por todas as partes remontam à sua elogiada disposição em auxiliar, sua modéstia e seu enorme conhecimento⁷.

Alberto demonstrou obviamente de ser leitor nos conventos alemães, pois ele foi enviado para Paris pelo Mestre da ordem Johannes von Wildehausen no começo da década de 1240, quando ensinou pela última vez em Estrasburgo ou talvez em Colônia, a fim de realizar os estudos de Doutorado⁸. Após conseguir o título de Doutor no ano de 1245, ele assumiu a segunda cátedra de teologia dos Dominicanos destinada aos estudantes não-franceses na Universidade de Paris, que manteve até o semestre de verão de 1248. Também desse período de sua atividade de ensino em Paris não se depreendem informações sobre seu auditório e seus alunos. Constituem uma exceção as afirmações de Roger Bacon, contemporâneo de Alberto, na sua obra “*Opus tertium*”, que são, contudo, muito gerais. O Franciscano lamenta, sem mencionar explicitamente o nome de Alberto, que esse goza de uma admiração junto aos estudantes e professores em Paris que jamais foi concedida a nenhum professor durante a vida. As afirmações de Bacon são provavelmente atendíveis, pois foram formuladas a partir de uma

⁷ Petrus von Preußen, *Vita b. Alberti doctoris magni ex Ordine Praedicatorum*, c. 5, Antverpiae 1621, 90.

⁸ Pedro de Prússia põe uma atividade de ensino em Colônia antes do Doutorado em Paris, que seguiu o Leitorado em Estrasburgo, *Vita b. Alberti* (nt. 5), 90. Vicentius Iustiniani relata que Alberto exerceu o ofício de leitor até 1233 em Colônia, depois em Hildesheim, Friburgo em Breisgrau, Regensburgo, Estrasburgo e em 1240 voltou para Colônia, cf. Vicentius Iustiniani *Compendiosa vitae descriptio [...] et Apotheosis eiusdem b. Alberti, Coloniae Agrippinae* 1625, 11-12.

atitude crítica e fazem abertamente alusão ao projeto filosófico de Alberto que ele explicou no começo do seu comentário à Física. Bacon escreve⁹:

a quantidade de estudantes e a multidão [de homens] que acha ser muito sábia, muitos homens bons, apesar de terem sido enganados, agora supõem que a filosofia já tenha sido completamente desenvolvida e sintetizada na língua latina e apresentada aos latinos. Ela foi completada na minha época e foi conhecida por todo mundo em Paris; e como autor será citado seu revisor. Pois assim como Aristóteles, Avicena e Averróis são citados na escola, ele mesmo será citado; ele ainda está vivo, e tem alcançado ao longo de sua vida uma admiração que nenhum homem experimentou no ensino. [...] é de se lamentar que o estudo da filosofia tenha sido corrompido mais através dele do que através de todos [os outros], que já existiram entre os latinos. Pois, embora os outros [também] fossem inadequados, não se arrogaram nenhuma autoridade, e é por isso que aquela cambada completamente irracional em Paris o cita como Aristóteles ou Avicena ou Averróis e outros autores.

⁹ Roger Bacon, *Opus tertium*, c. 9, ed. J. S. Brewer (Fr. Rogeri Bacon Opera quaedam hactenus inedita 1), London 1859, 30-31: “*et est quod jam aestimatur a vulgo studentium, et a multis, qui valde sapientes aestimantur, et a multis viris bonis, licet sint decepti; quod philosophia jam data sit Latinis, et completa, et composita in lingua Latina, et est facta in tempore meo et vulgata Parisius, et pro auctore allegatur compositor ejus. Nam sicut Aristoteles, Avicenna, et Averroë’s allegantur in scholis, sic et ipse: et adhuc vivit, et habuit in vita sua auctoritatem, quod numquam homo habuit in doctrina. [...] dolendum est quod studium philosophiae per ipsum est corruptum plus quam per omnes qui fuerunt unquam inter Latinos. Nam alii licet defecerunt, tamen non praesumpserunt de auctoritate, sed iste per modum authenticum scripsit libros suos, et ideo totum vulgus insanum allegat eum Parisius, sicut Aristotelem, aut Avicennam, aut Averroem, et alios auctores.*” Cf. Albertus Magnus, *Physica*, l. 1, tr. 1, c. 1, ed. P. Hofffeld (Opera omnia 4/1), Münster 1987, 1, 9 sqq., 48-49. L. Honnefelder, *Wisdom on the Way of Science: Christian Theology and the Universe of Sciences According to St. Albert the Great*, in: L. Honnefelder e. a. (eds.), *Via Alberti. Texte – Quellen – Interpretationen* (Subsidia Albertina 2), Münster 2009, 20.

Em relação a casos individuais, nos escritos biográficos-hagiográficos e em algumas cartas que foram conservadas normalmente são documentadas poucas informações sobre a relação dos alunos de Alberto com seu mestre e sobre a atitude constantemente encorajadora do mestre para com seus alunos¹⁰. Ocasionalmente, nos manuscritos das obras de Alberto se encontram anotações que revelam o nome do redator que, em qualidade de aluno ou ouvinte, fez uma transcrição da lição de seu mestre ou uma compilação a partir desses escritos. A mais importante dessas fontes e anotações foi elaborada por Chr. Scheeben¹¹. Baseados nela, arrolamos no anexo todos os nomes dos alunos e dos ouvintes de Alberto identificados, assim como as demais pessoas do seu círculo que lançaram mão da competência científica dele ou trabalharam para ele.

A pergunta sobre os alunos de Alberto, que não se concentra apenas na relação entre Tomás de Aquino e seu mestre, encontrou o interesse da pesquisa histórica na Alemanha só na segunda metade do século 19. Os estudos relevantes de Joachim Sighart e Nicolaus Thoemes sobre Alberto nessa época dão um testemunho disso¹². Se

¹⁰ Os escritos biográficos-hagiográficos mais importantes estão reunidos em: J. Sighart, *Albertus Magnus. Sein Leben und seine Wissenschaft. Nach den Quellen dargestellt*, Regensburg 1857, VII-XII; P. de Loe', *De vita et scriptis B. Alberti Magni. Pars Prima*, in: *Analecta Bollandiana* 19/1 (1900), 257-284; A. Paravicini Bagliani, *La légende médiévale d'Albert le Grand (1270-1435). Premières recherches*, in: *Micrologus* 21 (2013), 295-367. Para as cartas cf. H. Finke, *Ungedruckte Dominikanerbriefe des 13. Jahrhunderts*, Paderborn 1891, 51-52 Nr. 1-3, 80-81 Nr. 47, 82 Nr. 50, 84-85 Nr. 53-55, 95 Nr. 68. K. Rieder, *Das Leben Bertholds von Regensburg*, Freiburg i. Br. 1901, nisso esp. 46-47 Nr. 10: *„Brief Alberts des Großen an Berthold von Regensburg“ (Requisitio si ungelte recipi possit sine peccato)*; para a tradução e explicações em alemão, ver: H. Stehkämper, *Albertus Magnus. Ausstellung zum 700. Todestag [Katalog]*. *Historisches Archiv der Stadt Köln, Severinstraße 222-228*, 15. November 1980 bis 22. Februar 1981, Köln 1980, 119-120 Nr. 142.

¹¹ Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 179-212 (Separatum 3-36). Como complemento: M. Grabmann, *Drei ungedruckte Teile der Summa de creaturis Alberts des Großen (Quellen und Forschungen zur Geschichte des Dominikanerordens in Deutschland 13)*, Leipzig 1919, bes. 16-17, onde diz que *“frater Martinus brandenburgensis”* era presumivelmente um aluno próximo de Alberto.

¹² Sobretudo J. Sighart, na sua extraordinária monografia, relata repetidamente a respeito dos alunos e dos ouvintes de Alberto. Ele se fundamenta numa ampla

outros estudiosos como Gustav von Hertling e Josef Bach trataram esse tema só marginalmente ou não trataram de forma alguma, não era devido ao menosprezo dele, mas à peculiaridade de suas pesquisas. O interesse emergente para Tomás de Aquino na nova Escolástica, todavia, jogou uma sombra nas pesquisas sobre Alberto, que foram utilizadas para uma compreensão mais profunda do ensino do aluno. Então Alberto foi considerado, até a década de 90 do século passado, sob a égide da soberania do seu aluno como o aperfeiçoador do pensamento medieval que, na melhor das hipóteses, poderia ser visto por seu mestre em alguma dívida como principiante¹³. Quando procurarmos uma visão geral sobre as relações entre o mestre Alberto e seus alunos e, a partir de dois exemplos que podem ser considerados ideais, esclarecer alguns pontos, queremos contrastar o antigo preconceito (que ainda está latente em alguns círculos) sobre a relação entre Alberto e Tomás. Antecipamos ao propósito e à finalidade original da pesquisa uma digressão sobre o uso e a compreensão dos termos *discipulus* e *magister* na obra de Alberto. O esclarecimento desses termos é relevante no contexto da nossa questão, pois pode obter resultados sobre a autocompreensão de Alberto como professor e sua compreensão do aluno. Isso mostrará se seu termo multifacetado de *discipulus* permite uma interpretação diferenciada dos paradigmas historiográficos de uma “escola-albertiana” e de uma “escola dominicana alemã” e, dessa forma, justifica heurísticamente os dois termos de forma

base de fontes biográficas-hagiográficas, dedicando sua atenção especialmente à relação entre Tomás de Aquino e seu mestre.; cf. Sighart, *Albertus Magnus* (nt. 8), 36-42, 238-246 e mais. N. Thoemes, em seu volume publicado em Colônia em 1880, “*Albertus Magnus in Geschichte und Sage*”, oferece informações historicamente garantidas e lendárias sobre Alberto e alguns de seus irmãos e irmãs da Ordem mais próximos, especialmente sobre seu “aluno favorito” Tomás de Aquino (ibid., 95).

¹³ Cf. J. Bernhart, *Albertus Magnus*, in: id., *Gestalten und Gewalten. Aufsätze, Vorträge*, Würzburg 1962, 53. H. Anzulewicz, *Investigación actual acerca de Alberto Magno. Inventario referido a la hermenéutica*, in: *Scripta Mediaevalia* 6 (2013), 11-41, hier 15-20; id., *Alberts Konzept der Bildung durch Wissenschaft*, in: L. Honnefelder (ed.), *Albertus Magnus und der Ursprung der Universitätsidee*, Berlin 2011, 382-397, 538-548 (nt. und Lit.), hier 382-384. P. D. Hellmeier, *Anima et intellectus. Albertus Magnus und Thomas von Aquin über Seele und Intellekt des Menschen* (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters. N.F. 75), Münster 2011, 11-15; discutimos essa relação entre aluno e mestre em relação ao ensino da alma e do intelecto em: *Theologische Revue* 108 (2012), 397-399.

sensata e útil, independentemente da crítica fundamental recentemente levantada quanto à sua relação com a realidade¹⁴.

II

Segundo Alberto, um aluno não precisa ser uma imagem fiel do seu professor. Esta opinião pode ser apreendida de muitas declarações do nosso autor que se encontram principalmente no trabalho de exegese bíblica, e dizem respeito à relação especial entre aluno e professor. Nesse contexto, sua compreensão do conceito de “aluno” (*discipulus*) demonstra-se, em relação ao conceito de professor (*magister*), terminologicamente diferenciada e mais complexa quanto ao conteúdo. Ele utiliza vários sinônimos para o conceito de “aluno”, que ou reescreve e produz uma margem para sua interpretação, ou especifica. Como sinônimos para a expressão básica *discipulus* encontram-se, entre outros, alguns termos como *auditor*, *imitator*, *insecutor*, *sequax*, *sectator* e *studiosus*. Geralmente se encontram quando Alberto retoma o termo “aluno” do seu modelo de comentário ou de uma citação, esclarecendo-o no contexto da exegese do texto. A explicação mais simples é feita ao conectar termos alternativos, semanticamente equivalentes, como “ouvinte”, “sequaz” ou “seguidor”. Ser um aluno significa, antes de tudo, assumir as visões de ensino e o método do professor na sua forma perfeita, identificar-se com o mestre nisso e que conseqüências para ele derivam disso. No entanto, poderia faltar uma concordância completa se o aluno não atestasse o conteúdo de ensino transmitido a ele por seu professor, mas transmitisse e defendesse suas próprias visões de ensino¹⁵. Conseqüentemente, isso também significa

¹⁴ Para a gênese desses termos e sua crítica cf. A. Quero-Sánchez, *Über das Dasein. Albertus Magnus und die Metaphysik des Idealismus* (Meister-Eckhart-Jahrbuch. Beihefte 3), Stuttgart 2013, 29-30, 519-528.

¹⁵ Cf. Albertus Magnus, *Super Matthaeum*, X, 25, ed. B. Schmidt (Opera omnia 21/1), Münster 1986, 336, 74-83: “*Sufficit discipulo, quantum ad doctrinae acceptionem, ut sit sicut magister eius. Sicut enim in docendis et modo confirmationis attingit magistri perfectionem, ita et in his quae consequuntur doctrinam ex hoc quod contraria est mundanis, quia ideo oppugnatur. Et si discipulus non doceat contraria his quibus magister contraria docuit, non est discipulus sicut magister. Et si aliter doceat discipulus, tunc a seipso et non ex disciplinis magistri loquitur.*”

que um aluno desse tipo não atende aos requisitos de uma pessoa justa, que sempre deve estar comprometida com o ensino que adquiriu¹⁶.

Um aluno é alguém desejoso de conhecimento, um ouvinte, um estudante (*studiosus*). Se ele se apegar ao ensino que ouviu de seu mestre, é realmente seu aluno, caso contrário é apenas um explorador curioso e supersticioso¹⁷. Segundo Alberto a curiosidade, em si uma sede de conhecimento de valor neutro, combinada com a superstição degenera numa atitude subjetiva do aluno que, obviamente, estorva o ensino autêntico do mestre. A superstição não deve ser interpretada exclusivamente no sentido de um erro religioso, como pode ser visto nas explicações de nosso autor que seguem. Antes disso, ele está preocupado com o fato de que um aluno que adere à superstição é prevenido e não é livre para um conhecimento objetivo em geral. Um verdadeiro aluno assimila o ensinamento de seu mestre sem contaminações e sem erros¹⁸. Repleto dele, foi criado pela liberdade e livre, pois a educação por si mesma (*studia liberalia*) o torna apto à autodeterminação e o torna livre. Portanto o mestre tem uma parte significativa no processo de aperfeiçoamento amplo e, em primeiro lugar, intelectual do seu aluno. Pois, como ressalta Alberto nesse contexto, o homem enquanto tal é só intelecto e é aperfeiçoado unicamente através do estudo das disciplinas divinas. Com relação às disciplinas divinas mencionadas, deve-se reparar que isso diz respeito tanto à metafísica quanto à teologia.

¹⁶ Ibid., X, 42, 344, 37-38: “*discipulus est minor iusto, qui nuper accepit auditum et adhuc est imbuendus*“. Cf. nota 17.

¹⁷ Albertus Magnus, Super Iohannem, I, 37, edd. A. Borgnet/E' . Borgnet (Opera omnia 24), Paris 1890, 73^b: “*Discipuli, et ideo studiosi. Joan. VIII, 31: ‘Si vos manseritis in sermone meo, vere discipuli mei eritis’. Qui enim non permanet in sermone audito, non est discipulus, sed explorator curiosus et superstitiosus*“.

¹⁸ Ibid., VIII, 31-32, 352^{a-b}: “*Discipulus enim verus est, qui vere doctrinis sui magistri sine errore est imbutus. Et hoc est libertatis incrementum. Studia enim liberalia, ut dicunt Philosophi, liberant hominem. Dicit enim Philosophus, quod liberum dicimus hominem, qui causa sui est. Homo enim ut dicitur in X Ethicorum, solus intellectus est: quia alia non sunt humana quae sunt in ipso sed sunt brutalia. Intellectus disciplinis divinis perficitur, et non in aliis. Ad Hebr. XII, 8: ‘Quod si extra disciplinam estis, cujus participes facti sunt omnes, ergo adulteri, et non filii estis’. Ac si dicat: De semine libero nati non estis, sed de spurio et servili. Isa. L, 5: ‘Dominus Deus aperuit mihi aurem, ego autem non contradico: retrorsum non abii*“.

Alberto compreende o homem a partir do intelecto, mas não negligencia a importância da dimensão afetiva do homem. Ele admite que o afeto está envolvido na constituição da relação entre aluno e mestre. No afeto da *dilectio*, do amor, ele vê o fundamento da adesão do aluno ao ensino de seu mestre e da sua fidelidade a ele¹⁹. Ele acha óbvio que o aluno trate o mestre com respeito (*reverentia*) e não o contradiga²⁰. Alberto não atribui menor importância ao afeto por parte do mestre para a relação entre aluno e mestre. Este não tem segredos para seu aluno favorito, e o aluno, encerrado no coração do mestre, abraça com o olhar aquilo que há de mais íntimo nele. A confidencialidade e a reciprocidade familiar de ambos dão ao aluno a coragem para poder perguntar ao mestre sobre tudo. A fidelidade ao mestre até sua morte permite ao aluno participar diretamente da crença e do conhecimento de seu mestre. Moldado e realizado por esse conhecimento, é um verdadeiro estudante que agora ele mesmo ensina através da palavra ou da escrita com a autoridade do mestre. O que ele faz e como ele faz, assim como sua boa reputação, deve em grande parte ao seu mestre. Alberto vê a imitação do mestre como uma realização significativa da existência do aluno, pois o aluno é um imitador do mestre – *discipulus enim est magistri imitator* -, ele foi chamado a seguir o mestre, que é, por assim dizer, a verdade personificada que se comunica²¹. Para ele a verdade abstrata é a base da relação entre

¹⁹ Ibid., 352^b: “*Joan. XIII, 35: ‘In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis, si dilectionem habueritis ad invicem’: quia dilectio vos facit tenere meam disciplinam. Joan. XIV, 23: ‘Si quis diligit me, sermonem meum servabit’. Discipulus enim verus est, qui ita tenet disciplinam prout tradita est a magistro*”.

²⁰ Cf. *ibid.*, VI, 53, 271^a: “*Litigabant autem ad invicem [sc. Iudaei], non cum discipulis, vel Apostolis: quia illi propter reverentiam Magistri aperte contradicere non audebant [...] Protervus enim et non discipulus est, qui contradicit*”. Albertus Magnus, *De IV coaequaevis*, tr. 4, q. 32, a. 2, ed. A. Borgnet (*Opera omnia* 34), Paris 1895, 512^b: „*reverentes discipuli, qui altitudini scientiae et benignitatis Magistri sui non praesumunt facere quaestionem, sed coram ipso eam proponunt inter se, expectantes ut propria benignitate eos illuminet ad solutionem*”. A imagem dos alunos que se comportam com reverência em relação ao mestre é adaptada para simbolizar a relação dos anjos com Cristo como seu mestre.

²¹ Albertus Magnus, *Super Iohannem*, XXI, 24, edd. Borgnet (nt. 15), 717^b-718^a: “*Dicit ergo: ‘Hic est discipulus ille’. Hic, inquam, tam dilectus, ut specialiter*

aluno e mestre, mas a sua instanciação através da palavra e da escrita do mestre é o ideal com o qual o aluno deve provar-se como aluno²²:

Aluno é alguém por causa da profissão da verdade e da afeição da caridade, da humildade da submissão e da mansidão da audição. Quem não reconhece a verdade através de todo estudo e reflexão não é um aluno de verdade. Jo 8, 31-32: “Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos; conhecereis a verdade, e a verdade tornar-vos-á livres”. Quem não ama a verdade tampouco é discípulo da verdade. Jo 13, 35: “Disso todos conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor um para o outro”. Quem não se submete humildemente aos pés da verdade, tampouco é discípulo da verdade. Dt 33,3:

dilectus vocetur: et ideo nihil est ab eo absconditum [...] Hic, inquam, qui in pectore recumbens secreta pectoris divini perlustravit [...] Hic, inquam, qui per omnia usque ad mortem secutus est et ideo vidit omnia occulta fide [...] Hic iterum qui ausu familiari de omnibus audebat interrogare [...] Hic ergo est discipulus ille summi Magistri disciplinis institutus et perfectus [...] Et sic a Magistro veritatis cognoscens veritatem, auctoritate Magistri describit [...] Ille enim verus est discipulus, per cujus linguam sicut per calamum verba Magistri describuntur: et quidquid dicit, habet veritatem.” Cf. ibid., XV, 8, 562^a: “Et, per hoc, ,efficiamini mei discipuli’, hoc est, imitatores. Joan. VIII, 31 et 32: ‘Si vos manseritis in sermone meo, vere discipuli mei eritis, et cognoscetis veritatem, et veritas liberabit vos’. Discipulus enim magistri est imitator. Magister autem ad hoc venit ut fructum faceret: et discipuli ad hoc sunt instituti ut eum in hoc sequantur. Joan. XV, 16: ,Posui vos ut eatis, et fructum afferatis, et fructus vester maneat.’” Id., De natura boni, ed. E. Filthaut (Opera omnia 25/1), Münster 1974, 20, 85-90: “Saepe enim contingit, quod discipulus in moribus sequatur magistrum, ut in evangelio: ‘Non est discipulus super magistrum, perfectus autem omnis erit, si sit sicut magister eius’. Unde Paulus gloriatur se ad pedes Gamalielis didicisse legem, ut ex laude magistri praesumptio habeatur de ipso.”

²² Albertus Magnus, Super Isaiam, VIII, 16, ed. F. Siepmann (Opera omnia 19), Münster 1952, 131, 81-96: “Discipulus est professione veritatis et affectione caritatis et humilitate subiectionis et mansuetudine auditionis. Discipulus enim veritatis non est, qui veritatem non profitetur omni studio et meditatione. Ioh. VIII (31-32): ‘Si vos manseritis in sermone meo, vere discipuli mei eritis et cognoscetis veritatem, et veritas liberabit vos’. Discipulus iterum veritatis non est, qui veritatem non amat. Ioh. XIII (35): ‘In hoc cognoscent omnes, quia mei estis discipuli, si dilectionem habueritis ad invicem’. Discipulus iterum veritatis non est, qui humiliter non subicitur ad pedes veritatis provolutus. Deut. XXXIII (3): ‘Qui appropinquant pedibus eius, accipient de doctrina eius’. Quarto etiam discipulus veritatis non est, qui superbus et protervus veritatem auditam mansuete non suscipit. Matth. XI (29): ,Discite a me, quia mitis sum et humilis corde.’”

“Aqueles que se aproximarem aos seus pés, receberão seu ensinamento”. E quarto, quem é arrogante e atrevido e não aceita a verdade que ouviu, não é de boa índole e tampouco um discípulo da verdade. Mt 11, 29: ‘Aprendei de mim, porque eu sou manso e humilde de coração’.

A maioria das declarações de Alberto que refletem sua compreensão do aluno, provém, como foi dito, do contexto da exegese bíblica e lhe devem determinadas especificidades. Aluno e mestres aparecem aqui certamente como *topoi* teológicos, mas sua significação – do nosso ponto de vista – não provém de alguma validade teológica exclusiva. Antes disso, deve-se ler um conceito abstrato e geral do aluno (assim como do mestre), cuja validade universal já está na natureza do termo em si.

Em seus escritos, Alberto menciona importantes alunos de mestres renomados com nomes que são apreendidos principalmente da história da filosofia antiga. Algumas dessas informações são historicamente incertas, anacrônicas ou imprecisas devido à falta de fontes. Elas documentam os esforços de Alberto para esclarecer geneticamente as questões sistemáticas da filosofia e da teologia pela conexão e interpretação da tradição²³. Exemplos disso são suas afirmações de acordo com as quais Teofrasto era um seguidor e um aluno de Aristóteles, enquanto Porfírio era apenas aluno dele²⁴; Asclepiades pertencia aos ouvintes de Posidônio (segundo Sêneca nas ‘*Naturales quaestiones*’) e aos seus alunos (complemento da fonte por Alberto)²⁵.

²³ U. R. Jeck fala nesse contexto de “gênio filosófico” de Alberto, cf. id., *Albert der Große über Anaximander*, in: W. Senner e. a. (eds.), *Albertus Magnus. Zum Gedenken nach 800 Jahren. Neue Zugänge, Aspekte und Perspektiven* (Quellen und Forschungen zur Geschichte des Dominikanerordens. N.F. 10), Berlin 2001, 15-27, 16.

²⁴ Albertus Magnus, *Meteora*, l. 3, tr. 2, c. 7, ed. P. Hoßfeld (Opera omnia 6/1), Münster 2003, 135, 12-13 (und 23-25): “*Theophrastus, Aristotelis insecutor et discipulus [...]*”. Id., *De animalibus*, l. 3, tr. 2, c. 8, ed. H. Stadler (Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters 15), Münster 1916, 346, 5-6: “*antiquissimi Aristotelis discipuli sicut Theophrastus et Porfirius*”.

²⁵ Id., *Meteora*, l. 3, tr. 3, c. 9, ed. Hoßfeld (nt. 22), 161, 15-16: “*„Asclepiodotus, Posidonii auditor‘ et discipulus*“.

Galeno seguiu o ensinamento de Platão, de quem tinha sido aluno; o mesmo vale para Jâmblico²⁶. Asclépio era um aluno de Hermes Trismegisto, enquanto Averróis imitava Alexandre de Afrodísia e Temístio²⁷. Da história da teologia Alberto cita, entre outros, Maximino, Eunômio e Feliciano como alunos de Ário²⁸.

O próximo passo é determinar qual termo do mestre (*magister*) usa Alberto e, se ele o explica com mais detalhes, em que contexto isso acontece. Esta pergunta é difícil, pois é preciso afirmar que Alberto não escreveu um tratado especial sobre o mestre, como o de seu aluno Tomás de Aquino – inspirado na obra de Agostinho ‘*De magistro*’ – ou Henrique de Gand²⁹, e que ele não fez considerações sistemáticas sobre esse conceito. Permanecem portanto, como base para o levantamento lexicográfico, os pensamentos espalhados na sua obra, principalmente

²⁶ Albertus Magnus, *De animalibus*, l. 3, tr. 1, c. 6, ed. Stadler (nt. 22), 305, 3-4: “*hoc Plato non vidit et discipulus qui secutus est documenta eius Galienus*”. Id., *De homine*, edd. H. Anzulewicz/J. R. Söder (Opera omnia 27/2), Münster 2008, 72, 62: “*Iamblichus autem quidam discipulus Platonis dicit [...]*”

²⁷ Albertus Magnus, *De causis et processu universitatis a prima causa*, l. 1, tr. 4, c. 3, ed. W. Fauser (Opera omnia 17/2), Münster 1993, 45, 26-27: “*Asclepius, Trismegisti discipulus*”. Id., *De caelo et mundo*, l. 2, tr. 1, c. 4, ed. P. Hoßfeld (Opera omnia 5/1), Münster 1971, 113, 68-69. D. Porreca mostra quantos rostos tem o “autor místico” Hermes Trismegisto em Alberto, *Albertus Magnus and Hermes Trismegistus: An Update*, in: *Mediaeval Studies* 72 (2010), 245-281.

²⁸ Albertus Magnus, *Summa theologiae sive de mirabili scientia dei*, I, tr. 7, q. 30, c. 3, a. 2, edd. D. Siedler/W. Kübel/H. Vogels (Opera omnia 34/1), Münster 1978, 236, 4-5.

²⁹ Tomás de Aquino, *Quaestiones disputate de veritate*, q. 11 (*De magistro*), ed. Commissio Leonina (Opera omnia 22/2), Roma 1972, 347-363; textos paralelos a este *Summa theologiae*, I, q. 117, a. 1; In II Sent., d. 9, a. 2, ad 4 e d. 28, a. 5, ad 3. Os dois primeiros textos estão disponíveis em latim-alemão numa edição comentada por: Thomas von Aquin, *Über den Lehrer/De magistro. Quaestiones disputatae de veritate: Quaestio XI. Summa theologiae*: Pars I, quaestio 117, articulus 1. Publicado, traduzido e comentado por G. Jüssen/G. Krieger/J. H. J. Schneider. Com uma introdução de H. Pauli (Philosophische Bibliothek 412), Hamburg 1988. Cf. Augustinus, *De magistro* (liber unus), ed. K.-D. Daur (Corpus Christianorum. Series Latina 29), Turnhout 1970, 157-203; latim-alemão.: Aurelius Augustinus, *De magistro/Über den Lehrer*. Traduzido e publicado por B. Mojsisch (Universal-Bibliothek 2793), Stuttgart 1998. Sobre Henrique de Gand cf. T. Marschler, *Zum Selbstverständnis des theologischen Magisters nach Heinrich von Gent* na publicação de *Quodlibet I*, 35, in: M. Olszewski (ed.), *What is “Theology” in the Middle Ages?* (Archa Verbi. Subsidia 1), Münster 2007, 517-531.

nos comentários da Bíblia, que devem ser coletados como peças de um mosaico e juntados como um todo. Nesse modo, e com a inclusão dos enunciados que correspondem ao conceito de aluno anteriormente registrados, a compreensão do mestre pode ser determinada em termos de conteúdo, genética e função.

O conceito de mestre ou professor é inicialmente interpretado de maneira muito restrita na tradição ocidental, com referência ao Evangelho de Mateus 23, 8 e 10. Na passagem citada, lemos: “Um é o vosso mestre [...], Cristo”³⁰. Essa afirmação induz Alberto, como também Tomás de Aquino, a considerar o modo de exclusividade do professor comum no contexto de sua interpretação agostiniana³¹. É verdade que nosso autor não coloca em questão a tese da exclusividade, mas ele não só pode entendê-la como uma inspiração do mestre divino em nós, e sim como uma variante da doutrina da iluminação que ele interpreta nos termos da teoria do intelecto, baseada na doutrina aristotélica do *intellectus agens*³². Ele concorda com a abordagem de Agostinho de que o próprio Deus nos ensina tudo aquilo que constitui nosso conhecimento, na medida em que o Padre da Igreja da antiguidade tardia e Boécio afirmaram a necessidade de uma luz intelectual na alma humana, na qual o homem põe à prova seu

³⁰ Mt. 23, 8 e 10 (Vulgata): “*Vos autem nolite vocari rabbi; unus est enim magister vester [...] Nec vocemini magistri, quia magister vester unus est, Christus.*” Cf. Albertus Magnus, *Quaestio de prophetia*, I, in: *Quaestiones*, edd. A. Fries/W. Kübel/H. Anzulewicz (Opera omnia 25/2), Münster 1993, 46, 47; *Super Dionysium De caelesti hierarchia*, c. 3, edd. P. Simon/W. Kübel (Opera omnia 36/1), Münster 1993, 54, 20-21; *Super Dionysium De divinis nominibus*, c. 4, ed. P. Simon (Opera omnia 37/1), Münster 1972, 178, 71-73; *Super Matthaeum*, X, 24, ed. Schmidt (nt. 13), 336, 57-58; *ibid.*, XXIII, 8, 549, 46-78.

³¹ Para este e o seguinte: Albertus Magnus, *Quaestio de prophetia*, I, edd. Fries/Kübel/Anzulewicz (nt. 28), 46, 46-55; 50, 37-51, 11.

³² Cf. H. Anzulewicz, *Rezeption und Reinterpretation: Pseudo-Dionysius Areopagita, die Peripatetiker und die Umdeutung der augustianischen Illuminationslehre bei Albertus Magnus*, in: U. Köpf/D. R. Bauer (eds.), *Kulturkontakte und Rezeptionsvorgänge in der Theologie des 12. und 13. Jahrhunderts* (Archa Verbi. Subsidia 8), Münster 2011, 103-126. B. Blankenhorn, *How the Early Albertus Magnus Transformed Augustinian Interiority*, in: *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie* 58 (2011), 351-385, bes. 356-370.

conhecimento da verdade. Agostinho identificou essa luz com Cristo como mestre interior da alma, enquanto Alberto, seguindo a tradição peripatética, reinterpreto-a como a luz do intelecto agente, a imagem (*exemplum et imago*) da luz do intelecto divino. Ele sustenta firmemente que, sem a iluminação desta luz e sem um conhecimento habitual dos primeiros princípios gerais conexo com ela, não haveria nenhum conhecimento e nenhum saber. Esta é também a razão pela qual Agostinho afirmou que o próprio Deus ensina tudo o que o homem aprende através do ensino. Alberto indica a luz do intelecto agente também como ‘a luz da inteligência em nós’ ou como ‘o reflexo do intelecto da causa primeira, cujos raios são os conceitos comuns do espírito inerentes ao intelecto’³³. Desta interpretação é possível extrair as seguintes conclusões: ao substituir o conceito restrito de professor comum pelo conceito de intelecto agente como propriedade da alma racional individual, Alberto contribuiu para sua dissolução, naturalização e humanização. Entretanto, ele não pretendia uma ‘desdivinização’ radical e fundamental do conceito, como se pode deduzir das suas explicações sobre o *modus docentis divina* e da sua exegese da Bíblia³⁴.

Uma estratégia mais matizada de interpretar o conceito de mestre, que segue a dupla estrutura do intelecto e é concebida em modo emanacionista, pode ser encontrada no comentário do *Doctor universalis* à obra do Pseudo-Dionísio Areopagita ‘*De divinis nominibus*’. Em um tratado do quarto capítulo, lemos que o termo “mestre” denota o princípio de onde emana o conhecimento³⁵. Esse princípio é dúplice: de

³³ Albertus Magnus, *De anima*, l. 1, tr. 1, c. 2, ed. C. Stroick (Opera omnia 7/1), Münster 1968, 4, 13-41; id., *Summa theologiae*, I, tr. 6, q. 25, c. 1, edd. Siedler/Kübel/Vogels (nt. 26), 151, 62-76. Cf. H. Jorissen/H. Anzulewicz, *Lumen naturale*, in: *Lexikon für Theologie und Kirche*, vol. 6, Freiburg i. Br. ³1997, 1120 sq.

³⁴ Cf. Albertus Magnus, *Super Dionysii Mysticam theologiam*, c. 1, ed. P. Simon (Opera omnia 37/2), Münster 1978, 456, 6-38; id., *Super Isaiam*, L, 4, ed. Siepmann (nt. 20), 499, 38-52.

³⁵ Para este e o seguinte: Albertus Magnus, *Super Dionysium De divinis nominibus*, c. 4, ed. Simon (nt. 28), 178, 71-76, bes. 73-74: “*magister autem dicit principium, a quo emanat cognitio*”; *ibid.*, 179, 24-69.

um lado há o princípio formal ativo (*effectivum principium formale*), mais precisamente: a luz do conhecimento divino que permanece em si, que ilumina os conteúdos cognitivos sem misturar-se com eles; do outro lado, é o mero princípio da forma (*principium quod est tantum forma*) que representa a natureza cognitiva (*natura cognoscitiva*). Esses dois subprincípios correspondem à faculdade intelectual do homem em sua dupla estrutura e suas funções, o *intellectus agens* abstrativo e iluminador e o intelecto receptivo e iluminado pelo *intellectus agens*, o *intellectus possibilis*. O conhecimento é gerado pelas faculdades cognitivas unidas a um princípio. Se o *magister* é designado como o único princípio de onde brota o conhecimento, como Alberto o descreve em conexão com Mt 23, 8-10 “Um é o vosso mestre que está no céu”, então ele será conforme a esta interpretação pelo intelecto, especialmente pelo *intellectus agens*³⁶.

Assim como o uso da metáfora do intelecto por parte de Alberto é compreensível para o professor em geral e, em particular, no campo das ciências teóricas, assim é sugerido para a filosofia prática o *Topos* do mestre como o sábio (*sapiens*), pelo menos em Aristóteles. Alberto afirma no primeiro Comentário à Ética que um professor, um mestre (*magister*), é um homem sábio que é responsável para determinar o justo meio³⁷. Na sua paráfrase, ele prefere o termo *magister* a *sapiens* da apresentação aristotélica, expressando assim duas coisas. Primeiro, ele assume que os dois termos são intercambiáveis; segundo, ele assume que o mestre incorpora a sabedoria que é essencial para determinar e transmitir o justo meio, medido individualmente entre excesso e falta *in moribus*, para o discernimento das virtudes éticas. No comentário ao “*De anima*”, Alberto atribui a função mediadora do mestre ao encontrar o meio da virtude moral à luz da inteligência que

³⁶ Cf. Albertus Magnus, *Super Dionysium De divinis nominibus*, c. 7, ed. Simon (nt. 28), 341, 12-13: “*Paulus, ‘communis sol’, idest illuminator vel magister, ‘nostri ducis’, scilicet Hierothei*”.

³⁷ Albertus Magnus, *Super Ethica*, l. 2, lect. 6, ed. W. Kübel (Opera omnia 14/1), Münster 1968-1972, 122, 27-28: “*magister’, idest sapiens, cuius est determinare médium*”.

é inerente à alma humana³⁸. Com isso, ele se colega indiretamente à sua reinterpretação anterior do conceito agostiniano de mestre interior.

Quando Alberto fala especificamente dos *Magistri*, ele entende principalmente os professores de filosofia e teologia escolástica do meio universitário parisiense, mas às vezes se refere também a Aristóteles como o mestre do peripatético³⁹. Ele cita também prováveis professores de medicina da Polônia e da Boêmia, não muito conhecidos, um “*magister Nicolaus Polonus medicus*” e um “*magister Clemens de Bohemia*”⁴⁰, além de escribas e filósofos judeus como Nicodemus, Gamaliel, mestre de Paulo, e Moisés Maimônides⁴¹. Dos teólogos escolásticos Pedro Lombardo é considerado o *Magister* por antonomásia. Pedro Comestor é mais ou menos equivalente a ele na classificação como “*magister in Historia*”⁴². Alberto arrola alguns dos mais importantes teólogos parisienses, como Praepositinus de Cremona, Guilherme de Auxerre e Filipe o Chanceler, nos “*Magistri velhos*” (*antiqui*); outros, ao invés, são indicados como *moderni, nostri doctores, magistri Parisienses, magistri nostri temporis* ou apenas

³⁸ Albertus Magnus, *De anima*, l. 1, tr. 1, c. 2, ed. Stroick (nt. 31), 4, 25-30: “*Ad illud enim lumen [sc. intelligentiae in nobis] certificatur, quidquid certe scitur, et tunc sciri iudicatur, quando illi conveniens invenitur. Sic enim medium virtutis moralis, quod non est idem omnibus, examinatur et proportionatur illi medio quod natura intus est in quolibet, et est tunc satis, quando illi congruit.*”

³⁹ Albertus Magnus, *In I Sent.*, d. 37, a. 27, ed. A. Borgnet (Opera omnia 26), Paris 1893, 272^b: “*Omnes Philosophi concorditer in suis metaphysicis ponunt scientiam in praedicamento qualitatis, scilicet Avicenna, Algazel, et Aristoteles, magister eorum*”. Id., *De animalibus*, l. 3, tr. 1, c. 2, ed. Stadler (nt. 22), 284, 1-2: “*Aristoteles qui Peripatheticorum magister et princeps extitit*”.

⁴⁰ Albertus Magnus, *Quaestiones super De animalibus*, l. 3, q. 3, ed. E. Filthaut (Opera omnia 12), Münster 1955, 125, 38-39 (und Proleg. XLVII: Nicolaus Polonus); *ibid.*, l. 15, q. 14, 268, 45 (Clemens de Bohemia).

⁴¹ Albertus Magnus, *Super Matthaeum*, IX, 3, ed. Schmidt (nt. 13), 303, 46-47; *Problemata determinata*, q. 2, ed. J. A. Weisheipl (Opera omnia 17/1), Münster 1975, 48, 33-34: “*Moses Aegyptius, quem Rabbi Moysen, hoc est Magistrum Moysen, vocant.*” Cf. J. Guttmann, *Die Scholastik des dreizehnten Jahrhunderts in ihren Beziehungen zum Judenthum und zur jüdischen Literatur*, Breslau 1902, 48-50 (com anotações).

⁴² Albertus Magnus, *De homine*, edd. Anzulewicz/Söder (nt. 24), 573, 22-23; 577, 40.

*magistri*⁴³. Ele geralmente não atribui nenhuma validade aos pontos de vista do ensino desses mestres, que os *auctores, philosophi, sancti* e os *originalia patrum* desfrutam junto a ele. As doutrinas dos primeiros não são consideradas por ele nem intocáveis, nem vinculativas quando resistem a uma crítica no discurso e não são expressamente rejeitadas⁴⁴. É de se perguntar, no entanto, por que eles parecem não fazer jus ao conceito de mestre discutido anteriormente; há várias razões pelas quais Alberto se refere a isso. Por um lado, ele acredita que um fator natural, ou seja, a constituição e a predisposição psicofisiológica individual deveria desempenhar um papel aqui, que influencia a capacidade intelectual (hoje diríamos o QI), afetando diretamente o conhecimento, o saber e sua comunicação⁴⁵. Do outro lado o conceito, no

⁴³ Cf. Albertus Magnus, *De homine*, edd. Anzulewicz/Söder (nt. 24), 198, 28: “*quidam modernorum*”; *In II Sent.*, d. 1, a. 12, ed. A. Borgnet (Opera omnia 27), Paris 1894, 34^b: “*nostri doctores*”; *Super Dionysium De divinis nominibus*, c. 4, ed. Simon (nt. 28), 172, 38: “*magistri Parisienses*”; *De XV problematibus*, ed. B. Geyer (Opera omnia 17/1), Münster 1975, 31, 6: “*magistri Parisienses*”; *De bono*, tr. 5, q. 1, edd. H. Kühle/C. Feckes/B. Geyer/W. Kübel (Opera omnia 28), Münster 1951, 262, 71: “*magistri nostri temporis*”. Ele costuma citar o nome deste último entre outros “*magister Hugo de S. Victore*” (cf. *De natura boni*, ed. Filthaut [nt. 19], 31, 1; *De IV coaequaevis*, tr. 4, q. 32, a. 2, ed. Borgnet [nt. 18], 513^b; *ibid.*, q. 35, a. 1, 530^a; *Super Matthaeum*, VI, 13, ed. Schmidt [nt. 13], 214, 84) e “*magister Richardus de S. Victore*” (*De resurrectione*, tr. 2, q. 10, a. 11, § 2, ed. W. Kübel [Opera omnia 26], Münster 1958, 300, 37.50; 301, 58); ver também a nota sucessiva.

⁴⁴ Cf. Albertus Magnus, *De incarnatione*, tr. 2, q. 3, a. 3, ed. I. Backes (Opera omnia 26), Münster 1958, 189, 75-83: “*Quod concedimus dicentes ad primum, quod non creavit eum spiritus sanctus. Nec in originali est, quod creavit, licet hoc Magister dicat in Sententiis. Sed in originali est: ‘Non seminans, sed per spiritum sanctum conditive’. Si tamen dicitur creasse, hoc dicitur propter similitudinem ad creationem, quia scilicet immediatum opus dei est sicut et creatio, et quia subito sine tempore actum est, quemadmodum deus operatur*”. Id., *Super Dionysium De divinis nominibus*, c. 10, ed. Simon (nt. 28), 407, 70-408, 6: “*distinctio trium mensurarum penes habere principium et finem vel secundum non habere finem, sed principium vel neutrum inventa est a magistris. Et ideo non invenitur, quod auctores, vel sancti vel philosophi, multam faciant mentionem de aevo, cum illa distinctio nulla est, ut dictum est, sed ponunt quandoque aevum esse aeternitatem participatam*”.

⁴⁵ Albertus Magnus, *Metaphysica*, l. 1, tr. 1, c. 5, ed. B. Geyer (Opera omnia 16/1), Münster 1960, 8, 5-31; *De intellectu et intelligibili*, l. 1, tr. 3, c. 3, ed. A. Borgnet (Opera omnia 9), Paris 1890, 501^b-502^a; cf. *De anima*, l. 3, tr. 3, c. 11, ed. Stroick (nt. 31), 223, 21-34.

seu significado ideal, é prejudicado por causa do sectarismo, do sofisma e da contradição, bem como pela falta de competência ou pelo abuso dos quais são acusados dos *Magistri*⁴⁶. Por essa razão, o conceito de mestre poderia sempre ter sido considerado na percepção geral como o epítome de um indivíduo que era superior pela sua astúcia e acometido pelo sectarismo, pelo erro e pela corruptibilidade⁴⁷. A conotação pejorativa mostra a eficácia das condições contingentes, às quais o ideal conceitualmente fixo de um mestre é exposto na implementação prática. Entretanto, segundo Alberto, o conceito de mestre enquanto tal expressa uma certa autoridade devida à competência e ao poder de ensino, que ao mesmo tempo significa uma posição proeminente e respeitosa que cria distância na sociedade⁴⁸.

Em Alberto, uma tipologia do conceito de mestre pode ser reduzida à distinção rudimentar entre mestre interior e mestre exterior e, além disso, entre mestre bom e mestre mau, bem como uma adaptação metafísica da metáfora do mestre. O primeiro, o *magister interior*, é Cristo, a verdade divina que ensina e ilumina interiormente o homem, o único mestre divino no céu, o próprio Deus, mas também, como

⁴⁶ Cf. Albertus Magnus, *Quaestio de dotibus sanctorum in patria*, a. 1, in: *Quaestiones*, edd. Fries/Kübel/Anzulewicz (nt. 28), 103, 41-42: “*Qualiter autem sumatur ista similitudo, diversimode traditum est a magistris*”; *Super Dionysium De caelesti hierarchia*, c. 11, edd. Simon/Kübel (nt. 28), 172, 44-46: “*glossandum est: quia habent actum animae, scilicet motum, quamvis a sanctis nihil contra hanc opinionem dicatur, sed tantum a magistris*”; *Super Dionysium De divinis nominibus*, c. 4, ed. Simon (nt. 28), 172, 37-38: “*hoc habitum est erroneum a magistris Parisiensibus*”; *De XV problematibus*, ed. Geyer (nt. 41), 34, 55-57: “*causa dicti est ignorantia philosophorum, quia multi Parisienses non philosophiam, sed sophismata sunt secuti*”; *ibid.*, 38, 84-39, 1.11-13; 40, 37-39; 41, 8-9.52-53; 42, 41-43; 43, 64-66.

⁴⁷ Cf. Albertus Magnus, *Super Matthaeum*, VII, 29, ed. Schmidt (nt. 13), 273, 12: “*magistri erroris*”; *ibid.*, VIII, 19, 291, 31-32: “*Professionem erroris tangit, cum dicit: ‘Magister’, quia, sicut dicit glossa, non credebatur esse nisi unum de communibus magistris in astutia humana praecellentibus*”. *Id.*, *Super Isaiam*, I, 22, ed. Siepmann (nt. 20), 29, 64-65: “*mali magistri propter pretium remittentes rigorem sacri eloquii*”.

⁴⁸ Cf. Albertus Magnus, *Super Matthaeum*, VI, 9, ed. Schmidt (nt. 13), 177, 77-79: “*‘Magister’ autem etiam dicit nomen timoris et auctoritatis et deterret a petendo*”. *Id.*, *De IV coaequaevis*, tr. 4, q. 39, a. 1, ed. Borgnet (nt. 18), 557^b.

visto anteriormente, o intelecto de cada pessoa⁴⁹. O *magister exterior*, ao invés, é um professor que deve cumprir sua tarefa formativa e educativa do púlpito⁵⁰. Ele é um bom professor se suas explicações forem convincentes através da racionalidade e forem confirmadas através de exemplos⁵¹. Em conexão com o *topos* aristotélico do professor, Alberto enfatiza o poder de um verdadeiro professor e a fraqueza da sua contraparte da seguinte maneira⁵²:

No primeiro livro da ‘Metafísica’ Aristóteles fala sobre o poder de um professor: ‘Mas o sinal e a característica de uma pessoa sábia é a capacidade de ensinar’. Pois, quando as afirmações são comprovadas racional e irrefutavelmente, é um sinal do poder do professor. Mas quando elas são gaguejadas e, por assim dizer, declamadas com a razão quase trêmula, é um sinal de que aquele que ensina não entende aquelas coisas, mas, como na realidade ele é ignorante, assumiu a pose do professor como um macaco; e aqueles [fanfarrões] são mestres do erro.

Outras razões para a conotação negativa do conceito de professor que residem na sua disposição natural e nos traços de caráter, já

⁴⁹ Albertus Magnus, *Super Ethica*, l. 8, lect. 14, ed. Kübel (nt. 35), 651, 11; *Super Matthaicum*, VII, 6, ed. Schmidt (nt. 13), 247, 78-79; *ibid.*, X, 24, 336, 30-31.33-34; cf. acima nota 30.

⁵⁰ Cf. Albertus Magnus, *Super Dionysium De caelesti hierarchia*, c. 7, edd. Simon/Kübel (nt. 28), 101, 61: “*cathedra sedes magistri*”; *ibid.*, 100, 62-70; *Super Iohannem*, XV, 8, edd. Borgnet (nt. 15), 562^a: “*Magister autem ad hoc venit ut fructum faceret: et discipuli ad hoc sunt instituti ut eum in hoc sequantur. Joan. XV, 16: ‘Posui vos ut eatis, et fructum afferatis, et fructus vester maneat’*”.

⁵¹ Albertus Magnus, *Super Marcum*, X, 17, ed. A. Borgnet (Opera omnia 21), Paris 1894, 593^a: “*Bonus enim magister est qui cum ratione persuadet, et exemplo quae dicit confirmat*”; cf. *id.*, *Super Dionysium De caelesti hierarchia*, c. 9, edd. Simon/Kübel (nt. 28), 145, 84: “*magister custodit puerum*”.

⁵² Albertus Magnus, *Super Matthaicum*, VII, 29, ed. Schmidt (nt. 13), 273, 4-12: “*De potestate enim docentis dicit Aristoteles in I Metaphysicae: ‘Signum autem et omnino scientis est posse docere’. Quando enim rationabiliter probantur dicta et incontradicibiliter, hoc est signum potestatis docentis. Et quando balbutiendi et ratione quasi tremente dicuntur, signum est, quod qui dicit ea, non intelligit, sed cum ignorans sit in veritate, sicut simia figuram docentis assumit; et illi sunt magistri erroris.*”

foram mencionadas acima. Em contrapartida, em Alberto também se encontra o conceito de mestre em sua forma sublimada, que aplica ao primeiro motor, chamando-o de “mestre de todas as coisas”⁵³.

Complementamos e concluímos nossa digressão lexicográfica com alguns pensamentos de Alberto sobre sua compreensão da relação entre aluno e mestre. Eles transmitem sua visão do meta-nível da questão central da nossa contribuição e, portanto, são aptos como pano de fundo para a tentativa de descrever o relacionamento real entre o mestre e seus alunos em dois estudos de caso, a fim de determiná-los em conformidade com esse requisito.

Para Alberto, a relação entre aluno e mestre pode ser examinada de um duplíciplo ponto de vista⁵⁴. Por um lado, é entendida em modo absoluto como uma relação em si (*relatio per se*), sem os *relata* [termos da relação, N.d.T.] em ambos os lados, que são conotados toda vez pelos termos “mestre” e “aluno”. Por outro lado, essa relação com a correlação a uma outra é entendida como uma relação real entre as entidades (*relatio mixta alii enti*). Essa relação existe realmente (*habet esse*) em cada um dos dois *relata* com sua correlação respectiva diferente de um para o outro. Como no nosso caso não é questão apenas de entidades, mas de pessoas em uma relação recíproca, trata-se segundo Alberto de uma comunidade baseada no conhecimento que o aluno recebe de seu mestre⁵⁵. O conhecimento e a sabedoria do mestre não valem

⁵³ Albertus Magnus, *De principiis motus processivi*, tr. 1, c. 4, ed. B. Geyer (Opera omnia 12), Münster 1955, 54, 43.

⁵⁴ Para isso e para o seguinte: Albertus Magnus, *In I Sent.*, d. 18, a. 5, ed. A. Borgnet (Opera omnia 25), Paris 1893, 499^b: “*relatio duobus modis consideratur: scilicet per se, et ut mixta alii enti: per se sicut servus, dominus, magister, discipulus, et pater, et filius, et hujusmodi: mixta autem alii enti, sicut dicimus actionem ponere respectum ad passionem, et agens, et patiens, et hujusmodi: et ideo etiam quidam Philosophi dixerunt, quod relatio non esset genus entis, sed esset respectus respersus in omnibus generibus entium*”. Para entender a relação cf. Albertus Magnus, *Metaphysica*, l. 5, tr. 3, c. 7, ed. Geyer (nt. 43), 266, 69-268, 2.

⁵⁵ Albertus Magnus, *Summa theologiae*, I, tr. 9, q. 38, edd. Siedler/Kübel/Vogels (nt. 26), 288, 34-36: “*Et sunt relationes fundatae super scientiam ab alio acceptam vel non acceptam, ut magister et discipulus*”. Sobre a relação do aluno e do mestre como forma de comunidade humana cf. Albertus Magnus, *In III Sent.*, d. 29, a. 2, ed. A. Borgnet (Opera omnia 28), Paris 1894, 547^a.

formalmente, sob as exigências dessa relação, como algo recebido de uma outra pessoa, mas como algo produzido por ele mesmo. O mestre, portanto, não é o princípio da sua sabedoria no sentido mais estrito, mas a arte (*ars*) que ele domina e que o torna sábio. Em relação ao aluno, o mestre é para Alberto um sábio por si mesmo (*seipso sapiens*) e não pela sabedoria que transmite ao aluno, através da qual o aluno deve se tornar conhecedor e sábio⁵⁶.

A relação pessoal entre aluno e mestre não se limita ao saber, mas diz respeito à pessoa como um todo, incluindo seus afetos, suas virtudes e seu estilo de vida. Na relação do aluno e mestre, os fatores subjetivos desempenham um papel muito importante na orientação doutrinária e na fidelidade do aluno ao ensino do seu mestre, mas a autêntica relação aluno-professor exige, como enfatiza Alberto, um fundamento objetivo na realidade da verdade aprendida. Um verdadeiro aluno se reconhece na verdade que o mestre transmite, aproxima-se ao seu ensino com afeto emocional, submete-se a ele com humildade e não o contradiz⁵⁷.

⁵⁶ Albertus Magnus, *Summa theologiae*, I, tr. 12, q. 50, c. 2, edd. Siedler/Kübel/Vogels (nt. 26), 384, 14-16.22-24: “*Sapiens enim homo non est nisi arte, quae informat ipsum, et ideo ars causa est sibi, ut sapiens sit, et principium. [...] magister vel doctor non est sapiens sapientia, quae procedit in discipulum, sed potius discipulus, magister autem seipso sapiens est*”.

⁵⁷ Albertus Magnus, *Super Isaiam*, VIII, 16, ed. Siepmann (nt. 20), 131, 81-95: “*In discipulis meis*’ [Jes. 8, 16]. *Discipulus est professione veritatis et affectione caritatis et humilitate subiunctionis et mansuetudine auditionis. Discipulus enim veritatis non est, qui veritatem non profitetur omni studio et meditatione. [...] Discipulus iterum veritatis non est, qui veritatem non amat. [...] Discipulus iterum veritatis non est, qui humiliter non subicitur ad pedes veritatis provolutus. [...] Quarto etiam discipulus veritatis non est, qui superbus et protervus veritatem auditam mansuete non suscipit.*” Cf. *ibid.*, XIV, 2, 202, 34-35: “*discipulus dicitur tenere magistrum, quando tenet doctrinam eius*”. *Id.*, *De natura boni*, ed. Filthaut (nt. 19), 20, 85-90: “*Saepe enim contingit, quod discipulus in moribus sequatur magistrum, ut in evangelio [Lk. 6, 40]: ‘Non est discipulus super magistrum, perfectus autem omnis erit, si sit sicut magister eius’.* Unde Paulus gloriatur se ad pedes Gamalielis didicisse legem, ut ex laude magistri praesumptio habeatur de ipso”. *Id.*, *Super Matthaeum*, V, 1, ed. Schmidt (nt. 13), 102, 53-60.

III

Observar a relação entre os alunos de Alberto Magno e o mestre deles de uma perspectiva histórica e sistemática significa, primeiramente, tomar consciência das dificuldades que impedem uma visão de conjunto. Por um lado, deveriam ser trazidas à tona aqui as relações científicas e pessoais de um grupo predominantemente anônimo de estudantes da Ordem dos Pregadores, que estavam sentados aos pés de Alberto Magno há quase 800 anos e que raramente seriam documentadas por fontes históricas. Do pressuposto aparentemente correto de que a maioria dos pregadores, leitores e autores dominicanos que trabalhavam na província da Teutônia por volta da metade do século XIII eram ou pelo menos poderiam ter sido⁵⁸ alunos de Alberto, nenhuma conclusão a mais pode ser tirada. A outra dificuldade é que, determinar uma relação entre os alunos e o mestre deles com base em seus trabalhos científicos, desde que tenham sido transmitidos, seria substancialmente limitado no nível formal-abstrato. Geralmente as informações sobre a interação pessoal geralmente não são incluídas. Entretanto, se alguém quiser determinar a relação principalmente do ponto de vista doutrinário, o propósito dificilmente pode ir além de uma tentativa preliminar devido às suas limitações externas. As referências ao conteúdo do ensino que devem ser levadas em consideração nos escritos dos alunos e do mestre não podem ser apresentadas aqui *in pleno*, nem elaboradas até o ponto de resumi-las em uma fórmula. É por isso que, como indicado no início, nos limitamos apenas a alguns fatos e características que são relevantes para a nossa pergunta, e que são mais ou menos identificados por fontes e pesquisas anteriores. Na abordagem sucessiva sobre as relações de Tomás de Aquino e Ulrico de Estrasburgo com seu mestre e sobre a relação de Alberto com seus dois alunos, algumas facetas dessas relações aluno-professor devem ser um pouco esclarecidas⁵⁹.

⁵⁸ Cf. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nota. 4), 182 (Separatum 6).

⁵⁹ Para uma determinação das relações de Ulrico de Estrasburgo com seu mestre, focada principalmente no conteúdo do ensino, consultar a contribuição de A. Palazzo especificamente dedicada a essa questão que é contida neste volume.

A pergunta inicial que aqui cabe responder está dividida em duas. Primeiramente, queremos saber com certeza quem pertencia ao círculo dos alunos de Alberto e quem só presumivelmente pode ser arrolado entre eles. A partir da resposta a esta parte da pergunta, fica claro até que ponto será possível responder à segunda parte da pergunta inicial, quer dizer, a pergunta sobre a relação dos alunos com seu mestre. Começamos com a apuração e uma breve apresentação dos alunos de Alberto que são considerados seguros após a identificação das fontes. A esse grupo muito pequeno do círculo de alunos, fazemos seguir os irmãos Pregadores conhecidos pelo nome que são apresentados na história da ordem religiosa e na literatura da pesquisa sobre os alunos de Alberto, nas quais essas suposições são fundamentadas em bases historicamente incertas ou nas hipóteses de historiadores, não sendo verificáveis como isentas de dúvidas. Embora não fizesse parte do círculo de alunos, Godofredo de Duisburg, um *socius* de Alberto⁶⁰, e o pregador franciscano Bertoldo de Ratisbona, que Urbano IV colocou ao lado do bispo demissionário como ajudante no desempenho do seu novo encargo como pregador da cruzada, exerceram uma influência na vida diária e na atividade científica do mestre⁶¹. Ambos, portanto, devem ser apresentados brevemente em sua relação com Alberto. Sem explicar mais detalhes, mencionamos, para os membros pertencentes à Ordem Dominicana e para a corte papal, João de Vercelli, mestre da Ordem dos Pregadores, Egídio de Lessines, professor de teologia em Paris, prováveis inquisidores que se ocuparam da luta contra a heresia da seita *de novo spiritu* na região da Suábia Ries, e Alexandre IV, personalidades do mais alto escalão que se valeram da competência e autoridade de Alberto através dos seus pareceres escritos ou através de suas declarações públicas⁶².

⁶⁰ Cf. D. Siedler/P. Simon, *Prolegomena*, in: Albertus Magnus, *Summa theologiae*, I, edd. Siedler/Kübel/Vogels (nt. 26), XII, 41-63.

⁶¹ Cf. P. de Loe, *De vita et scriptis B. Alberti Magni. Pars altera*, in: *Analecta Bollandiana* 20/1 (1901), 295 Nr. 126.

⁶² A pedido do Mestre da Ordem João de Vercelli, a opinião de Alberto sobre o catálogo de 43 doutrinas apresentadas a ele é relativa à sua compatibilidade com a fé e tradição da Igreja, e com a opinião do Mestre. Ela é preservada e editada criticamente como a fonte intitulada *Problemata determinata*, ed. J. Weisheipl

A pesquisa competente de H. Chr. Scheeben⁶³ sobre o círculo de alunos de Alberto e o estudo pioneiro de M. Grabmann⁶⁴ sobre a influência do *Doctor universalis* no pensamento de sua posteridade imediata e tardia, trouxeram uma grande quantidade de nomes relacionados com o estudioso dominicano, para os quais ele era o mestre e a figura principal da educação naquela época dentro e fora da Ordem em toda a Europa. Portanto, os seguintes cinco irmãos Pregadores podem ser considerados historicamente prováveis no círculo de seus alunos e ouvintes imediatos: Tomás de Aquino, Ulrico de Estrasburgo, Ambrósio Sansedoni de Siena, Nicolau Brunazzi e Tomás de Cantimpré. Além disso, há uma série de irmãos Pregadores que, de acordo com o testemunho dos manuscritos das obras de Alberto,

(Opera omnia 17/1), Münster 1975, XXVII-XXIX (Prolegomena von P. Simon), 45-64 (Textedition). Com uma carta, Egídio de Lessines solicitou a Alberto já idoso a análise e a refutação de 15 teses que, apesar de sua incompatibilidade com a ortodoxia, foram ensinadas na Faculdade de Filosofia de Paris por volta de 1270; o texto é editado em forma crítica e em tradução alemã com comentários: Albertus Magnus, *De XV problematibus*, ed. Geyer (nt. 41), XIX-XXIII (Prolegomena), 31-44 (Textedition); edição comentada latim-alemão: Albert der Große, *De quindecim problematibus/Über die fünfzehn Streitfragen*. Lateinisch-Deutsch, tradução de H. Anzulewicz, introdução e comentário de N. Winkler (Herders Bibliothek der Philosophie des Mittelalters 23), Freiburg-Basel-Wien 2010. Alberto deu também uma opinião especializada sobre 97 doutrinas heréticas da seita do Novo Espírito na região da Suábia Ries: W. Preger, *Geschichte der deutschen Mystik im Mittelalter*, 1. Teil, Leipzig 1874, 461-471. Em 1256 Alberto defendeu, diante de Alexandre IV e da cúria papal em Anagni, o direito de existir dos Mendicantes contra os ataques do clero secular e se posicionou nas disputas públicas contra o ensino heterodoxo de um intelecto comum a todas as pessoas e ao determinismo astral, opiniões que tinham sido acolhidas no ocidente latino (e particularmente na Universidade de Paris) da tradição árabe-islâmica; o registro escrito das duas disputas é editado criticamente: Albertus Magnus, *De unitate intellectus*, ed. A. Hufnagel (Opera omnia 17/1), Münster 1975, IX-XVI (Prolegomena von P. Simon); 1-30 (Textedition); id., *De fato*, ed. P. Simon (Opera omnia 17/1), Münster 1975, XXXIII-XXXIX (Prolegomena), 65-78 (krit. Textedition). Também cf. Stehkämper, Albertus Magnus. *Ausstellung* (nt. 8), 141 Nr. 163 (*Problemata determinata*); 88 Nr. 100 (*De quindecim problematibus*); 68 Nr. 67 (*De unitate intellectus*); 137 Nr. 157 (*De fato*).

⁶³ Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 179-212 (Separatum 1-36).

⁶⁴ M. Grabmann, *Der Einfluss Alberts des Grossen auf das mittelalterliche Geistesleben*, in: *Zeitschrift für katholische Theologie* 52 (1928), 153-182; 313-356 (Separatum 1-74); [Reimpressão (ligeiramente revisada) in: id., *Mittelalterliches Geistesleben. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik*, vol. 2, München 1936, 324-412].

as fontes da história religiosa e da literatura de pesquisa, eram ou poderiam ter sido seus alunos. Essas suposições presumivelmente corretas não podem ser verificadas quanto à sua exatidão histórica devido à falta de atestados. Por conseguinte, são admitidos os seguintes seis Dominicanos conhecidos nominalmente por nós: Martin de Brandenburgo, Henrique Teutonicus, Frater Mikul, Magister Scambius Coccoveius, Conradus da Áustria e talvez também Hugo Ripelin de Estrasburgo, são considerados prováveis alunos de Alberto. Por outro lado, a geração mais jovem de Dominicanos que seguiram Alberto, adquirindo sua educação filosófica e teológica no *studium generale* em Colônia ou em outros lugares nas casas de estudos da Ordem da província de Teutônia, na época em que a tradição de ensino de Alberto ainda era onipresente, mas ele mesmo não estava mais participando da atividade de ensino havia muito tempo, esta geração de Pregadores então, entre os quais podem ser citados Teodorico de Freiberg, Mestre Eckhart, Bertoldo de Moosburg, Henrique de Lübeck, João de Freiburg, João Picardi de Lichtenberg, Nicolau de Estrasburgo e alguns Pregadores do final do século XIII e início do século XIV, são incluídos por M. Grabmann sob o conceito de “Escola Albertiana” ou “Escola Dominicana Alemã”⁶⁵. Uma das razões disso é que Alberto se tornou o emblema do *studium generale* da Teutônia e a figura de identificação para estudantes com uma força de atração que operou muito além das terras alemãs. Não era por acaso que irmãos Pregadores da Itália, Dinamarca, Suécia, Holanda, Polônia e Estados Bálticos iam estudar em Colônia⁶⁶. A tradição intelectual fundada por

⁶⁵ Cf. G. M. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule vom 14. bis zum 16. Jahrhundert*, Freiburg/Schweiz 1946, 34-42. Grabmann, op. cit. (nt. 62), 362. Quero-Sánchez, *Über das Dasein* (nt. 12), 29-30, 519-520. J. A. Weisheipl (*Thomas von Aquin. Sein Leben und seine Theologie. Aus dem Amerikanischen ins Deutsche übertragen von G. Kirstein*, Graz-Wien-Köln 1980, 48) admite que além de Hugo de Estrasburgo, também João de Friburgo, João de Lichtenberg e Egídio de Lessines são alunos de Alberto.

⁶⁶ Cf. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 12-13. M. Asztalos, *Introduction*, in: Petrus de Dacia, *De gratia naturam ditante sive de virtutibus Christinae Stumbelensis*, ed. M. Asztalos (Acta Universitatis Stockholmiensis. Studia Stockholmiensia Latina 28), Stockholm 1982, 9-10. M. Lohrum, *Albert der Große. Forscher – Lehrer – Anwalt des Friedens*, Mainz 1991, 56.

Alberto encontrou apoiadores e expressão no judaísmo do século XIV⁶⁷, no Albertismo dos séculos XIV e XV em Paris, Colônia e Cracóvia⁶⁸, nos círculos de ideias averroístas e de filosofia natural, entre humanistas e representantes da Renascença italiana⁶⁹. Através do estudo e da recepção das obras de Alberto, esses pensadores cultivaram uma relação com ele que às vezes podia articular-se como uma relação estudantil transferida temporalmente⁷⁰.

⁶⁷ Cf. J.-P. Rothschild, *Un traducteur hébreu qui se cherche: R. Juda b. Moïse Romano et le De Causis et processu universitatis II, 3, 2 d'Albert le Grand*, in: Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age 67 (1992), 159-173. C. Rigo, *Yehudah b. Mosheh Romano traduttore di Alberto Magno. Commento al De anima III, II, 16*, in: Henoah 16 (1993), 65-91; ead., *Un'antologia filosofica di Yehuda b. Mosheh Romano*, in: Italia 10 (1993), 73-104; ead., *Yehudah ben Mosheh Romano traduttore degli scolastici Latini*, in: Henoah 17 (1995), 141-170. C. L. Wilke, *Judah Romano's Hebrew Translation from Albert, De anima III*, in: A. Fidora/H. J. Hames/Y. Schwartz (eds.), *Latin-into-Hebrew: Texts and Studies*, vol. 2 (Studies in Jewish History and Culture 40), Leiden-Boston 2013, 369-436.

⁶⁸ Z. Kaluza, *Les débuts de l'albertisme tardif (Paris et Cologne)*, in: M. J. F. M. Hoenen/A. de Libera (eds.), *Albertus Magnus und der Albertismus* (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters 48), Leiden-New York-Köln 1995, 207-295. Z. Kuksewicz, *Albertyzm i tomizm w XV wieku w Krakowie i Kolonii*, Wrocław 1973. M. Markowski, *Albert und der Albertismus in Krakau*, in: A. Zimmermann/G. Vuillemin-Diem (eds.), *Albert der Große. Seine Zeit, sein Werk, seine Wirkung* (Miscellanea Mediaevalia 14), Berlin-New York 1981, 177-192.

⁶⁹ V. Sorge, *Profili dell'averroismo bolognese. Metafisica e scienza in Taddeo da Parma*, Napoli 2001. G. Federici Vescovini, *Su alcune testimonianze dell'influenza di Alberto Magno come 'metafisico', scienziato e 'astrologo' nella filosofia padovana del cadere del secolo XIV: Angelo di Fossombrone e Biagio Pelacani da Parma*, in: A. Zimmermann/G. Vuillemin-Diem (eds.), *Albert der Große* (nt. 66), 155-176. E. P. Mahoney, *Albert the Great and the Studio Patavino in the Late Fifteenth and Early Sixteenth Centuries*, in: J. A. Weisheipl (ed.), *Albertus Magnus and the Sciences. Commemorative Essays 1980* (Studies and Texts 49), Toronto 1980, 537-563. L. de Simone, *Il Beato Alberto Magno in Italia. Influsso di lui nella cultura italiana*, in: Atti della Settimana Albertina (nt. 4), 271-279.

⁷⁰ O que se entende aqui é, sobretudo, a relação especial entre Heymericus de Campo com Alberto Magno, que, segundo o principal representante dos Albertistas de Colônia, era “um grande estudioso, o maior defensor da fé católica, pai adotivo e líder de meu próprio ensino” (“*magnus doctor Albertus*”, *fidei catholicae defensor maximus, disciplina pater et dux adoptivus*”); cf. Heymericus de Campo, *Epistola ad papam Martinum V (Hussiten-Dialog)*, ed. R. De Kegel, in: Heymericus de Campo, *Opera selecta* 1, edd. R. Imbach/P. Ladner (Spicilegium Friburgense 39), Freiburg/Schweiz 2001, 89 Nr. 66.

Antes de nos dedicarmos à relação entre Tomás de Aquino e Ulrico de Estrasburgo com seu mestre, vamos examinar as referências à qualidade das relações entre Alberto e seus outros três alunos que foram comprovados historicamente. Parece correto afirmar que, em geral, o mestre teve boas experiências com seus alunos italianos, e que as boas relações recíprocas estavam fundamentadas principalmente no zelo e no talento dos alunos, mas por último também na paixão deles pelo ideal comum de vida dominicana, que estava em modo especial vinculado ao estudo.

Segundo um necrológio, Alberto atestou um profundo conhecimento teológico ao seu aluno Nicola Brunazzi de Perugia. Do honroso obituário, pode-se apreender que Brunazzi, “durante muito tempo”, esteve sentado aos pés do mestre de Colônia e foi aprovado por ele com uma carta de louvor ao capítulo provincial da *província Romana* no país de origem. Alberto referiu-se a ele em alusão ao seu aluno mais importante como um “segundo irmão Tomás” e, portanto, expressou seu apreço por suas habilidades e conhecimentos, bem como seu apreço pelo Aquinate⁷¹:

Irmão Nicola Brunazzi [...] foi leitor na cátedra de teologia como um excelente erudito por 12 anos, por causa de seu conhecimento extraordinário que o tornou conhecido. Em consideração aos seus méritos, o respeitado erudito padre Alberto, da Alemanha, de quem foi aluno por muito tempo, achou-o digno de

⁷¹ Uma cópia da necrologia de Nicolaus Brunazzi é mantida nos Arquivos da Ordem Dominicana em Roma (livro QQ, 327-328); citamos isso após a reimpressão junto a P. Mandonnet, *Thomas d'Aquin lecteur a la curie romaine*, in: S. Szabo' (ed.), *Xenia thomistica*, vol. 3, Romae 1925, 39: “*Frater Nicolaus Brunatii [...] propter eminentem scientiam qua florebat legit in cathedra, ut doctor eximius, sacram theologiam annis XII. Cuius meritis exigentibus meruit commendari a doctore egrégio quondam magistro Domino fratre Alberto de Alamania, cuius studens fuerat longo tempore, scribens capitulo provinciali litteras continentes, inter cetera, ad eius laudem et preconium hec verba: Remitto vobis fratrem Nicolaum Perusinum, alterum fratrem Thomam de Aquino, scientes ipsum esse in divina pagina plenissime doctum. Et idcirco merito commendatur; nam secundum nomen suum, ita et laus sua, quia Nicolaus bona laus interpretatur, vel victoria populi, id est mundi, ad ordinem veniens ubi viget paupertas, obedientia et castitas contraria mundi*”. Cf. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 12.

recomendação. Em uma carta ao capítulo provincial, ele o elogiou com estas palavras, entre outras: Eu vos envio irmão Nicola de Perugia, um segundo irmão Tomás de Aquino. Nós sabemos que ele é plenamente formado em teologia. Eis por que é merecidamente recomendado. Pois seu nome diz também seu louvor, porque [o nome] ‘Nicola’ como ‘bom louvor’ ou como ‘vitória do povo’, ou seja, do mundo, indica aqueles que chegam à Ordem, onde vigoram a pobreza, a obediência e a castidade em plena força e vigor.

Se Brunazzi estudou com Alberto até 1259 e voltou para seu país de origem no inverno de 1259, como Scheeben supõe em relação aos tempos em que o mestre lecionava no *studium generale* de Colônia, ou se ele só chegou em Colônia em 1272, como afirma Löhr, baseado em Mandonnet e Taurisano – Weisheipl concorda com essa avaliação – permanece incerto. O ponto de vista de Scheeben, contudo, parece ser justificado pelas razões que ele deu⁷². A respeito da ulterior vida científica de Nicola Brunazzi, pode-se aprender da necrologia que ele trabalhou com grande sucesso seja como prior, seja como professor em muitos lugares da Província romana e ensinou teologia no *studium generale* em Florença (fundado em 1290) por três anos. Nada se conhece sobre suas relações com Alberto da época de suas atividades na província romana da Ordem ou de qualquer um dos seus escritos⁷³.

Vários alunos de Alberto eram oriundos da *provincia Romana*, entre os quais Ambrósio Sansedoni de Siena (1220-1287), que foi nomeado em terceiro lugar após Tomás de Aquino e Nicola Brunazzi em vista da sua sucessiva importância para a Ordem⁷⁴. Das suas biografias

⁷² Ibid. Cf. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 186 (Separatum 10).

⁷³ O nome Brunazzi não aparece no elenco que se refere aos escritores dominicanos de T. Käppeli (*Scriptores Ordinis Praedicatorum Medii Aevi*). Por outro lado, supõe-se que ele se tornou o primeiro provincial deles após a divisão da Província romana e a fundação da *provincia Regni* (1294), cf. A. Walz, *Compendium historiae Ordinis Praedicatorum, Romae 1947*, 143.

⁷⁴ Cf. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 12.

que são conservadas em várias versões, algumas das quais diferem consideravelmente, conclui-se que ele entrou na Ordem Dominicana em 1237 ou 1244⁷⁵ e provavelmente estudou em Paris sob Alberto desde 1245. Junto com Ambrósio, outros dois irmãos Pregadores da Província romana foram claramente enviados a Paris para estudar: irmão Odorico Francigenus e Dionísio de Viterbo⁷⁶. Embora não tenhamos posteriores informações sobre os dois últimos frades, pode-se supor que eles foram possivelmente designados para a cátedra reservada aos estudantes não-franceses e, portanto, estudaram sob Alberto. Da mesma província romana da Ordem e aproximadamente na mesma época, Tomás de Aquino também se encontrou no estudo junto a Alberto em Paris.

Ambrósio Sansedoni, como seu mestre e Tomás de Aquino, chegou em Colônia em 1248 e ensinou como leitor de teologia no *studium generale* recém-fundado. Ele aprendeu alemão e se destacou como pregador *in vulgari* no Baixo Reno⁷⁷. Depois de voltar à sua Província romana de origem, ele também trabalhou lá como Leitor; atuou como mediador da paz nos conflitos entre os Papas e as cidades da Itália, e assumiu tarefas administrativas para toda a Ordem e para sua própria Província, entre outras como Definidor do Capítulo Geral de 1276 (Pisa) e como Prior do convento em Siena. Inocêncio V confiou-lhe a reforma dos estudos teológicos em Roma. Honrado com o título de *praedicator generalis*, morreu em Siena em 1287 e encontrou seu descanso final na igreja local do mosteiro de San Domenico. Além dos sermões e de um tratado sobre a Eucaristia erroneamente atribuído a ele, bem como algumas orações a ele atribuídas sem motivo aparente, não são conservados escritos deste aluno de Alberto⁷⁸. Os hagiógrafos

⁷⁵ Sustentam 1237 como data de ingresso P. Lex (*Ambrosius Sansedonius*, in: *Lexikon für Theologie und Kirche*, vol. 1, Freiburg i. Br. 1930, 352) e T. Kaeppli (*Scriptores Ordinis Praedicatorum Medii Aevi*, vol. 1, Romae 1970, 59); Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 185 (Separatum 9) indica esse dado com '1244'.

⁷⁶ Scheeben, l. c.; id., *Albert der Große* (nt. 2), 23.

⁷⁷ Para isso e para o seguinte cf. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 12.

⁷⁸ Cf. J. B. Schneyer, *Repertorium der lateinischen Sermones des Mittelalters für die Zeit 1150-1350* (Autoren: A-D) (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters 43/1), Münster 1969, 280-286. Kaeppli, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 1 (nt. 73), 59.

explicam a falta de obras por causa da sua modéstia, que foi razão dele renunciar à atividade de escritor como também a cargos em vista na igreja. Não temos nenhum conhecimento de informações sobre as relações pessoais entre Ambrósio e Alberto, exceto breves relatos na lenda de Sansedoni de Aldobrandino de Paparonis e na crônica de Taegius sobre a admiração do aluno por seu mestre⁷⁹. A cooperação entre os dois na fase de fundação do *studium generale* em Colônia e nos anos seguintes, bem como alguns paralelos significativos no *curriculum vitae* de Ambrósio e de Alberto, deveriam, no entanto, indicar uma relação de confiança e harmonia que molda o aluno. Segundo M. Grabmann, Fra' Angelico da Fiesole († 1455) representou a proximidade de Sansedoni a Alberto e a afiliação à sua escola em uma pintura em painel que o Museu de São Marcos em Florença abriga (Fig. 1)⁸⁰. Para explicar a pintura, Grabmann escreve⁸¹:

No centro da cátedra está sentado o grande mestre que ensina, à esquerda e à direita se juntam a ele, em atitude atenta, numerosos estudantes, Dominicanos, membros de outras Ordens e também da condição secular. À direita do mestre, um jovem Dominicano pode ser reconhecido como São Tomás de Aquino pela auréola e pelo sol brilhante no peito. Como alunos de Alberto Magno no *Studium generale* são citados Tomás de Chantimpré, Tomás de Aquino, Ulrico de Estrasburgo, Ambrósio Sansedoni e, como ouvinte não pertencente à ordem Dominicana, Henrique de Gand.

⁷⁹ Portio Legendae beati Ambrosii de Senis, in: *Analecta S. Ordinis Praedicatorum* 21 (1933), 161-162, 164-165. Acta Sanctorum, Mart. III (1668), 186D. Cf. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 12. A. Fries, *Einfluß des Thomas auf liturgisches und homiletisches Schrifttum des 13. Jahrhunderts*, in: W. P. Eckert (ed.), *Thomas von Aquino. Interpretation und Rezeption* (Walberberger Studien. Philosophische Reihe 5), Mainz 1974, 309-454, 452.

⁸⁰ Uma reprodução da imagem em preto-branco é oferecida pelo volume de [H. Chr.] Scheeben/[A. M.] Walz, *Iconographia Albertina*, Freiburg i. Br. 1932, Tafel 7; dazu cf. A. M. Walz, *Der heilige Albert der Große in der Kunst*, in: Scheeben/Walz, *Iconographia*, 13.

⁸¹ M. Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg*, in: id., *Mittelalterliches Geistesleben*, vol. 1, München 1926, 147-221, hier 157-158.

FIGURA 1 – Alberto Magno no grupo dos seus alunos



Pintura em painel de Fra' Angelico, Florença, Museu da *São Marcos*

Correspondências conceituais e relativas à atividade de ensino na pregação do aluno e nos escritos de seu mestre foram repetidamente destacadas em pesquisas com base em uma análise comparativa dos sermões do primeiro com um duplo tratado teológico sistemático-litúrgico do segundo. O objetivo principal de determinar essa relação era o cuidado e a plausibilidade de uma possível atribuição a Sansedoni da autoria do duplo tratado de Alberto sobre a missa e a eucaristia⁸². Nesse experimento, discutível de um ponto de vista crítico-literário, em que foi possível focalizar semelhanças conceituais e factuais⁸³, a tentativa era uma atribuição da autoria do duplo tratado de Alberto a Sansedoni e, com isso também, a negação do que acreditamos ser a autenticidade da obra mencionada, que é a preocupação real e persistentemente forçada de sua crítica. Esse propósito, que estava errado desde o começo, trouxe, no lugar do suposto esclarecimento da questão da autenticidade do duplo tratado, uma confusão que continua a ter efeito hoje⁸⁴. O único resultado positivo dos estudos comparativos

⁸² A. Fries, *Der Albertschüler Ambrosius da Siena und der Doppeltraktat über die Eucharistie unter dem Namen des Albertus Magnus*, in: A. Zimmermann (ed.), *Die Kölner Universität im Mittelalter* (Miscellanea Mediaevalia 20), Berlin-New York 1989, 77-96; id., *Einfluß des Thomas* (nt. 77), 428-454.

⁸³ Cf. espec. Fries, *Der Albertschüler Ambrosius da Siena* (nt. 80), 85-86, 90, 93.

⁸⁴ A última vez que confirmamos nossa posição foi no artigo *The Systematic Theology of Albert the Great*, in: I. M. Resnick (ed.), *A Companion to Albert the Great* (Brill's Companions to the Christian Tradition 38), Leiden-Boston 2013, 64-66. Escrúpulos sobre a genuinidade do duplo tratado foram recentemente alimentados por J. Vijgen, *The Status of Eucharistic Accidents "sine subiecto". An Historical Survey up to Thomas Aquinas and Selected Reactions* (Quellen und Forschungen zur Geschichte des Dominikanerordens. N.F. 20), Berlin 2013, 127-151.

em relação à nossa questão, é a proximidade parcialmente determinada do ensino e do modo de pensar de Ambrósio com aquele do autor do duplo tratado, uma afinidade que resulta da relação entre aluno e mestre e que indica, em certa medida, a qualidade dessa relação.

FIGURA 2 – Alberto Magno e Tomás de Aquino



Pintura de altar de M. Tessen em St. Pauluskirche, Berlim

Como afirma M. Grabmann em sua lista dos alunos de Alberto no *studium generale* de Colônia conhecidos nominalmente, que pode reconhecer na pintura em painel do ateliê de Fra' Angelico, Tomás de Cantimpré pertence à primeira fila ao lado de Tomás de Aquino, Ulrico de Estrasburgo e Ambrósio Sansedoni. O brabantino, que tinha

quase a mesma idade do mestre – nasceu por volta de 1201, morreu por volta de 1270 -, após 15 anos junto aos Canônicos-Agostinianos em Cantimpré, por volta de 1232, mudou-se para os Dominicanos em Lovaina e, mais tarde, foi para o estúdio junto com Alberto em Colônia. Naquela época, ele era o autor de várias vidas de santos e de uma história enciclopédica das coisas naturais “*Liber de natura rerum*”, que Alberto utilizou como fonte, entre as outras, em sua zoologia. Nos *studium generale* de Colônia ele foi pôde aprofundar seus interesses científicos, compartilhá-los com seu mestre e dedicar-se à produção autoral, bem como às outras tarefas de um monge pregador. Sua obra “*Bonum universale de apibus*”, um monumento edificante à história das Ordens religiosas e da salvação, provavelmente teve origem em Colônia e data do final da década de 1250. Neste trabalho, o autor enfatiza devidamente os méritos de Alberto para a Ordem que o mestre conquistou diante de Alexandre IV em Anagni, na disputa pública entre os mendicantes e os clérigos seculares sobre o direito de existir dos primeiros⁸⁵. Tomás de Cantimpré sempre cita Alberto como “*magister Albertus*” ou “*magister Albertus Theologus [Theutonicus?], Frater ordinis Praedicatorum*”⁸⁶. Todos os relatos sobre ele permitem reconhecer um grande respeito do autor pelo mestre. A razão disso não deve ser procurada obrigatoriamente na relação aluno-mestre, mas antes no respeito mútuo e numa boa relação pessoal e cientificamente inspirador⁸⁷. Pedro de Prússia, o biógrafo de Alberto, não se cansa de enfatizar que Tomás “Brabantinus” era um aluno fiel de Alberto, conhecia-o bem pessoalmente e via sua perfeição virtuosa como a razão de seu conhecimento sobre-humano⁸⁸. Pedro, portanto, deu grande valor ao testemunho de Cantimpratanus. P. von Loë avalia da mesma forma a relação entre os dois e considera que as informações do aluno sobre o mestre são substancialmente dignas

⁸⁵ Thomas von Cantimpré, *Bonum universale de apibus*, l. 2, c. 10, Duaci 1627, 176-178.

⁸⁶ Cf. *ibid.*, l. 2, c. 10, 175, 176, 178; c. 57, 550, 563.

⁸⁷ Cf. *ibid.*, l. 2, c. 57, 563: “*magister Albertus Theologus, frater ordinis Praedicatorum narravit mihi [...]*”.

⁸⁸ Cf. Petrus von Preußen, *Vita b. Alberti*, c. 3 (nt. 5), 87; c. 6, 97; c. 17, 163.

de fé, enquanto julga a historicidade de todos os outros relatórios em uma maneira mais diferenciada⁸⁹. Meio século antes, J. Sighart elevou o escrito de Cantimpratanus “*Bonum universale de apibus*” a importante fonte primária na sua monografia sobre Alberto. Por outro lado, a avaliação posterior dele feita por H. Chr. Scheeben é hipercrítica. Ele não inclui Tomás entre os alunos de Alberto e dá um julgamento severo sobre ele⁹⁰: “*Thomas Cantimpratanus est scriptor legendarum, compiler narrationum, quae non tendunt ad fidem historicam, sed ad aedificationem et eruditionem. Imprimis est praedicator, minime chronista*”. A esse respeito, deve-se registrar que Scheeben tem razão ao enfatizar que Cantimpratanus não era um cronista. Com efeito, seu trabalho “*Bonum universale de apibus*” não é na realidade uma crônica, mas antes uma reflexão sobre a Ordem e a *memoria* de eventos passados incorporados na história geral, uma obra de edificação que foi impulsionada pelo Mestre Humbert de Romans e foi dedicada, pelo autor, a ele e a todos os irmãos Pregadores. Através de uma desvalorização geral do escrito devido ao seu estilo supostamente a-histórico, Scheeben sacrifica levemente o testemunho e as testemunhas de um relacionamento pessoal íntimo. Aqui é necessária uma atitude mais diferenciada, principalmente porque não pode ser dado um julgamento final sobre a credibilidade da tradição enquanto não houver uma base confiável para isso na forma de uma edição histórico-crítica do escrito “*Bonum universale de apibus*”. Uma avaliação criticamente diferenciada do conteúdo da obra pelo historiador, com base no exemplo de P. de Loë, pode ser a maneira mais apropriada de lidar com a fonte orientada aos resultados.

Antes de pôr em evidência, na conclusão, a relação entre Ulrico de Estrasburgo e Tomás de Aquino com seu mestre, há uma breve apresentação de seu *socius* Godofredo de Duisburg e do pregador

⁸⁹ De Loë, *De vita et scriptis*, I (nt. 8), 259: “*Licet autem Cantimpratanus noster non in omnibus, quae refert, sit fide dignus, tamen in eis, quae de Alberto Magno narrat, haud spernendae est auctoritatis. Fuit enim ipse discipulus Alberti, et nonnulla, quae libro suo inseruit, ex ore ipsius hausit*”.

⁹⁰ Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 190 (Separatum 14).

franciscano Bertoldo de Ratisbona, que foi designado como assistente do *praedicator crucis* Alberto por Urbano IV⁹¹. Os prováveis alunos Alberto mencionados anteriormente, por outro lado, cuja relação com o mestre dificilmente pode ser determinada, exceto pelo fato de alguns deles terem sido seus companheiros de viagem⁹², estão listados no apêndice. O espaço limitado desta apresentação nos obriga a ignorá-los aqui. Um *socius* e um assistente merecem nossa atenção porque não eram companheiros ocasionais de Alberto, mas o assistiram por um longo tempo. Eles fizeram isso em suas inúmeras e muitas vezes longas jornadas. Alberto aparentemente tinha vários *sociis*, mas apenas um, até onde se sabe, Godofredo de Duisburg, esteve permanentemente ao seu lado. Pedro da Prússia o indica como *socius et minister* de Alberto⁹³. Godofredo esteve à disposição do mestre como assistente pessoal e secretário particular o mais tardar desde o começo da década de 1270 ou, como supõe A. Walz⁹⁴, aproximadamente desde 1268. Scheeben menciona, com razão, que permanece em aberto a questão se Godofredo fosse um leitor. Uma declaração imprecisa do mestre da ordem João de Vercelli na carta a Alberto não exclui o status de leitor no caso de Godofredo⁹⁵. Contudo, o fato de ele nunca ter sido designado como leitor em todas as menções conhecidas por nós, inclusive na época após a morte de Alberto, fala contra a suposição de que esse *socius* tivesse a

⁹¹ O certificado de nomeação correspondente é datado de 22 de março (XII kalendas Aprilis) 1263; ver acima nt. 59

⁹² Apenas alguns nomes desses companheiros de viagem de Alberto são questionados segundo Scheeben (*Albert der Große* [nº 2], 90), por isso a identidade e a função das pessoas consideradas nem sempre são determinadas com suficiente segurança; são considerados como prováveis candidatos ou certos: João de Friburgo, Alberto de Havelberg, Godofredo de Duisburg (*socius* de Alberto), Hugo de Lucca e eventualmente Reiner.

⁹³ Petrus von Preußen, *Vita b. Alberti*, c. 53 (nt. 5), 321; cf. Sighart, *Albertus Magnus* (nt. 8), 259. Scheeben, *Albert der Große* (nt. 2), 90, 126 nt. 13.

⁹⁴ Walz, *Albert der Große als Lector Coloniensis* (nt. 1), 166; sobre a instituição e a função de um *socius* na Ordem dos Pregadores e a fidelidade de Godofredo ao seu mestre além da sua morte: *ibid.*, 165-167.

⁹⁵ Scheeben, *Albert der Große* (nt. 2), 88-90, 100. Finke, *Ungedruckte Dominikanerbrieife* (nt. 8), 51 Nr. 1.

função de leitor⁹⁶. Entretanto, não deveria ter lhe faltado a formação teológica de um estudioso pelo fato de ter sido um irmão Pregador e *amanuensis*. Testemunha isso sua provável participação na redação do livro II da obra inacabada de Alberto, “*Summa theologiae sive de mirabili scientia dei*”, circunstância que oferece uma resposta plausível à pergunta sobre o caráter compilatório e sobre a autenticidade deste escrito⁹⁷. A dependência do *socius* e a relação de confiança recíproca proporcionaram a Godofredo a possibilidade de influenciar algumas das decisões de Alberto. Uma carta do Provincial e aluno de Alberto Ulrico de Estrasburgo a Godofredo confirma essa suposição. A relação de confiança entre Alberto e seu *socius* é finalmente expressa no testamento de Alberto, no qual *frater Godefridus de Dusburg* é nomeado por dos executores da última disposição⁹⁸.

Pouco é conhecido sobre como se desenvolveu a relação entre o franciscano Bertoldo de Ratisbona (1210-1272 ca.) e Alberto. Se for seguida a identificação dos documentos papais, o relacionamento ocorreu pelo menos formalmente pela decisão de Urbano IV. Em 21 de março de 1263, o Papa decretou que os Frades Menores se juntassem a Alberto na incumbência papal do *negocium crucis* para a proteção da Terra Santa através da pregação na Alemanha, Boêmia e em outros lugares da região de língua alemã e o ajudassem ativamente⁹⁹. Mas

⁹⁶ Cf. G. M. Löhr, *Beiträge zur Geschichte des Kölner Dominikanerklosters im Mittelalter*, vol. 2 (Quellen und Forschungen zur Geschichte des Dominikanerordens in Deutschland 16-17), Leipzig 1922, 33 Nr. 58; 39 Nr. 71; 44 Nr. 81.

⁹⁷ Siedler/Simon, *Prolegomena*, in: Albertus Magnus, *Summa theologiae*, I (nt. 26), XII, 23-63; cf. acima nt. 58.

⁹⁸ A carta de Ulrico de Estrasburgo a Godofredo encontra-se em Finke, *Ungedruckte Dominikanerbrieve* (nt. 8), 85 Nr. 55, abgedruckt. Para o testamento de Alberto ver: H. Anzulewicz, *Das Testament des Albertus Magnus nach der Abschrift des Narcissus Pfister* (Clm 4384), in: S. Schmidt e. a. (eds.), *Rheinisch – Kölnisch – Katholisch. Beiträge zur Kirchen- und Landesgeschichte sowie zur Geschichte des Buch- und Bibliothekswesen der Rheinlande* (Libelli Rhenani 25), Köln 2008, 163-180, aqui 171.

⁹⁹ A carta Urbano IV a Bertoldo de Ratisbona de 21 de março de 1263, está impressa em: J. Guiraud, *Les Registres d’Urbain IV (1261-1264)*, vol. 1, Paris 1899, 89 Nr. 326; V. Cramer, *Albert der Große als Kreuzzugs-Legat für Deutschland 1263/64 und die Kreuzzugs-Bestrebungen Urbans IV.*, Köln 1933, 77; a tradução em alemão

pode ser que Alberto conhecesse pessoalmente o respeitado pregador Bertoldo durante seu episcopado em Ratisbona. Que ele mesmo o tenha proposto a Urbano IV como seu colaborador, permanece pura especulação¹⁰⁰. Os dois mendicantes se dedicaram às suas tarefas como pregadores da cruzada no sudoeste das regiões de língua alemã claramente separados¹⁰¹. O fato de Bertoldo ter apresentado por escrito a Alberto seu pedido sobre a admissibilidade de um tipo de imposto sobre mercadorias, denominado popularmente de “Ungeld” [taxa, *NdT*], e que a resposta que Alberto enviou também foi por escrito – isso aconteceu ou no momento em que participavam da mesma tarefa de pregadores da cruzada, ou depois disso -, sugere as duas coisas. Por um lado, a correspondência entre os dois religiosos aponta para uma distância espacial que tornou necessária a comunicação por escrito. Por outro lado, a correspondência expressa a boa relação e cheia de confiança entre eles. A resposta de Alberto é muito breve, concreta e escrita em um tom amistoso. O pedido de Bertoldo a Alberto, de quem ele esperava uma resposta vinculativa a uma pergunta moral e teologicamente difícil, testemunha seu apreço pela erudição, pela sabedoria e, por último, mas não menos importante, pela autoridade de ensino do antigo bispo de Ratisbona¹⁰². A memória

e o comentário: Stehkämper, *Albertus Magnus. Ausstellung* (nt. 8), 80-81 Nr. 86. Cf. *Regesta Pontificum Romanorum inde ab a. post Christum natum MCXCVIII ad a. MCCCIV*, ed. A. Potthast, vol. 1, Berlin 1874 [Neudruck Graz 1957], 1501 Nr. 18502. Para a carta papal a Alberto de 13 de fevereiro de 1263, segundo a qual Urbano IV o encarregou de pregar a cruzada, ver: Guiraud, *Les Registers d'Urbain IV*, 84 Nr. 311; reimpresso com tradução alemã em Cramer, *Albert der Große als Kreuzzugs-Legat*, 14-18; tradução em alemão e comentário: Stehkämper, *Albertus Magnus. Ausstellung* (nt. 8), 78-80 Nr. 83.

¹⁰⁰ Cf. Cramer, *Albert der Große als Kreuzzugs-Legat* (nt. 97), 34. Stehkämper, *Albertus Magnus. Ausstellung* (nt. 8), 81.

¹⁰¹ Nesse sentido se epressa W. Stammer, *Albert der Große und die deutsche Volksfrömmigkeit des Mittelalters*, in: *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie* 3 (1956), 287-319, 298: “Os dois certamente se encontraram naquela época e compartilharam suas tarefas, Alberto assumiu a Bohemia e a Suábia, enquanto Bertoldo assumiu a Thuringia, a Moravia e a Áustria”. Esta opinião fora anteriormente sustentada por Cramer, *Albert der Große als Kreuzzugs-Legat* (nt. 97), 35.

¹⁰² Cf. W. Fauser, *Die Werke des Albertus Magnus in ihrer handschriftlichen Überlieferung, Teil I: Die echten Werke* (Opera omnia, tom. subs. I/1), Münster 1982, 339 Nr. 74. K. Rieder, *Das Leben Bertholds von Regensburg*, Freiburg i. Br. 1901. Stehkämper, *Albertus Magnus. Ausstellung* (nt. 8), 119-120 Nr. 142.

religiosa da Idade Média conhece, além disso, uma narração do diálogo entre os dois homens, no qual Bertoldo se apresenta no papel de questionador, enquanto Alberto tem a função de mestre. Ele sempre soube dar uma resposta clara, inequívoca e definitiva às perguntas sobre vários aspectos e formas de piedade¹⁰³. Há muitas indicações de que os questionamentos de Bertoldo não eram devidos apenas à sua ignorância, pois ele era um pregador teologicamente formado, experiente, eloquente e poderoso, um mediador da paz procurado e, de certa forma, um parente espiritual de Alberto. Se ele o consultou, estava obviamente preocupado com uma autenticação do ensino pelo “Bispo Alberto”, cuja reputação de pregador sábio, acolhedor e ligado ao povo simples era muito difundida.

IV

Chegamos ao último ponto das nossas exposições, a saber, a questão da relação de Tomás de Aquino e Ulrico de Estrasburgo com o mestre deles Alberto Magno. Esses dois dominicanos, que provêm do círculo estreito dos alunos de Alberto, são os mais proeminentes e significativos, mas ao mesmo tempo são personalidades muito diferentes em si e em relação ao pai adotivo deles. Estamos muito mais informados sobre o *curriculum vitae* de Tomás de Aquino em comparação com o dossiê correspondente sobre Ulrico. A razão disso está na importância epocal do primeiro para a teologia e filosofia, bem como para a igreja e a Ordem Dominicana, em uma posição especial que era já evidente durante sua vida. Também está relacionado à sua canonização precoce, motivo pelo qual sua vida foi cuidadosamente examinada e amplamente documentada. Contudo, pelo que se refere à nossa pergunta, deve-se admitir que as descrições da vida mais importantes de Tomás em suas referências biográficas e bibliográficas a Alberto não estão completas e, em alguns aspectos, não concordam

¹⁰³ Stammler, *Albert der Große und die deutsche Volksfrömmigkeit* (nt. 99), 298-299, 315. Stehkämper, *Albertus Magnus. Ausstellung* (nt. 8), 85. A. Auer, *Leidenstheologie im Spätmittelalter, St. Ottilien 1952*, bes. 95, 118, 121-123.

entre si. As tentativas das pesquisas anteriores de preencher as lacunas e harmonizar as informações divergentes nas fontes, bem como suas interpretações, não forneceram uma imagem completa e uniforme, mas suas descobertas parecem mais próximas dos fatos históricos¹⁰⁴. Esta situação se reflete particularmente nos estudos competentes de H. Chr. Scheeben, J.A. Weisheipl, J.-P. Torrell e A. Oliva. Nós não abordamos as diferentes representações e interpretações, mas apenas selecionamos alguns aspectos da tradição que são relevantes para a relação do aluno com o mestre e, como tais, não são controversos.

Há um amplo consenso entre os historiadores de que o jovem Tomás, acompanhado pelo mestre da Ordem João de Wildeshausen, foi da Itália para Paris no outono de 1245, e lá, como supõe J.-P. Torrell em base aos novos conhecimentos¹⁰⁵, concluiu o estudo das *artes liberales*. Durante esse período – até o final do semestre de verão de 1248 – ele pôde frequentar também as aulas de teologia de Alberto. No verão de 1248, ele foi com Alberto para Colônia, onde continuou o estudo da teologia e sua atividade de assistente sob Alberto no recém-fundado *studium generale* dos Dominicanos até 1252. Nesse ínterim Ulrico, que M. Grabmann considera um dos “estudantes mais entusiasmados e fiéis” de Alberto e que pelas fontes estamos longe de sermos tão bem informados¹⁰⁶ sobre sua vida quanto Tomás, provavelmente encontrou seu professor alguns anos depois de Tomás, e com certeza não em

¹⁰⁴ As fontes mais importantes para a biografia de Tomás de Aquino estão listadas por Weisheipl, *Thomas von Aquin* (nt. 63), 352. Sobre as dissonâncias e deficiências nas fontes que têm a ver com o relacionamento entre Tomas e Alberto, Scheeben indica e tenta eliminá-las por correções recíprocas, cf. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nº 4), 189-207 (Separatum 13-31).

¹⁰⁵ J.-P. Torrell, *Magister Thomas. Leben und Werk des Thomas von Aquin*. Aus dem Franz. Übersetzt von [Traduzido do francês por] K. Weibel in Zusammenarbeit mit [em colaboração com] D. Fischli e R. Imbach, Freiburg-Basel-Wien 1995, 46.

¹⁰⁶ M. Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg* (nt. 79), 148. A situação das fontes de Ulrico mudou relativamente pouco desde a pesquisa de M. Grabmann – além da edição crítica de seu trabalho “De summo bono” e de alguns estudos de A. Palazzo, dos quais uma contribuição essencial para os problemas discutidos aqui também está contida neste volume -; cf. T. Kaeppli/E. Panella, *Scriptores Ordinis Praedicatorum Medii Aevi*, vol. 4, Roma 1993, 418 (Bibliogr.).

Paris, mas no *studium generale* dos Dominicanos em Colônia. Em todo caso, aparece no contexto de fontes relativas a Tomás de Aquino. Por motivos cronológicos, primeiro procuramos examinar brevemente a relação entre Tomás e Alberto e, em seguida, ocupar-nos com a relação entre Ulrico de Estrasburgo e seu mestre e amigo.

1 TOMÁS DE AQUINO E ALBERTO

Não foram o estudo das *artes* e o primeiro encontro de Tomás com Alberto Magno em Paris comprovadamente determinantes para a cooperação entre o aluno e o mestre, mas antes sua formação e atividade de assistente sob Alberto no *studium generale* de Colônia. Durante esse período em Colônia, seja a relação entre os dois, seja a carreira científica do primeiro no futuro se constituíram em modo decisivo. A reputação de Alberto que, justamente, antecipava o professor mais famoso da Ordem Dominicana naquela época, não era a causa (mesmo que Ludwig de Valladolid queria afirmar esse fato em sua ‘Tabula’), mas antes a dimensão intelectual efetiva do mestre, seus padrões educacionais elevados e não convencionais e sua relação cuidadosa e encorajadora com os alunos, bem como a congenialidade e o zelo científico de Tomás¹⁰⁷. Não há outra maneira de explicar como ele poderia ter continuado a estudar teologia e, ao mesmo tempo, ajudar seu mestre a preparar as lições sobre o “Corpus Dionysiacum”, redigir e completar cópias dessas aulas, e também participar às disputas. Seu interesse filosófico e uma preparação correspondente o levaram a seguir com atenção e proveito as lições de Alberto sobre a Ética, que refletir-se-ão nos seus comentários posteriores à obra aristotélica e, como relatam Guilherme de Tocco e outras testemunhas, também a atualizar redacionalmente estas aulas e fazer acréscimos a elas¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Para isso e para o seguinte cf.: Chronica Fratris Ludovici de Valleoleti, ed. M. Canal Gomez, in: *Analecta S. Ordinis Praedicatorum* 20 (1931-32), 736, 738-739. Cf. Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg* (nt. 79), 154. Weisheipl, Thomas von Aquin (nt. 63), 28-55, hier 47, 49-51.

¹⁰⁸ Wilhelm von Tocco, *Ystoria sancti Thome de Aquino*, c. 13, ed. C. le Brun-Gouanvic (Studies and Texts 127), Toronto 1996, 116-119. Cf. Scheeben, *De Alberti Magni*

Contudo, seu autógrafo desapareceu das lições colonienses de Alberto sobre a *Ética*.

Alberto, portanto, deve ter reconhecido o extraordinário talento científico, os interesses e a força de caráter do seu aluno em Colônia e, como relatado por várias fontes, deve tê-lo incentivado. Por sua firme recomendação, Tomás foi enviado a Paris em 1252 para dar aula sobre as “*Sententiae*” de Pedro Lombardo, contra as restrições do mestre da Ordem João de Wildeshausen que Alberto anulou com o apoio do cardeal dominicano Hugo de St. Cher¹⁰⁹. O mestre desempenhou também um papel essencial no fato de Tomás ter se tornado um renomado mestre em teologia, altamente respeitado por todas as partes, que segundo Ludwig de Valladolid é justamente denominado *doctor communis* e pode ser apropriadamente designado como “um segundo Moisés”, que levou para fora das trevas egípcias da ignorância aqueles que creem, através da luz da ciência secular e divina, como debaixo de uma dupla coluna: a nuvem e o fogo. À diferença de seu mestre, que em seus quase 60 anos de sua vida religiosa, além do trabalho científico e acadêmico também desempenhava outras tarefas na Ordem e na Igreja, Tomás dedicou-se exclusivamente ao ensino e à ciência após o estudo em Colônia e, especialmente, após seu doutorado em Paris (1256)¹¹⁰.

Muitas das histórias em parte anedóticas sobre Tomás, transmitidas por Guilherme de Tocco e registradas nas biografias mais importantes de Alberto, jogam uma luz sobre as relações entre ele e seu professor, bem como seus colegas no *studium generale* de

discipulis (nt. 4), 197-198 (Separatum 21-22). W. Kübel, *Prolegomena*, in: *Albertus Magnus, Super Ethica*, ed. Kübel (nt. 35), V, 27-58. Weisheipl, *Thomas von Aquin* (nt. 63), 50-51. A. Oliva, *Les débuts de l'enseignement de Thomas d'Aquin et sa conception de la sacra doctrina* (Bibliothèque Thomiste 58), Paris 2006, 207-224. M. Burger, *Thomas Aquinas's Glosses on the Dionysius Commentaries of Albert the Great in Codex 30 of the Cologne Cathedral Library*, in: Honnefelder e. a. (eds.), *Via Alberti. Texte – Quellen – Interpretationem* (nt. 7), 561-582.

¹⁰⁹ Wilhelm von Tocco, *Ystoria sancti Thome*, c. 15, ed. le Brun-Gouanvic (nt. 106), 120-122. Cf. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 198 (Separatum 22). Weisheipl, *Thomas von Aquin* (nt. 63), 50, 53-55. Oliva, *Les débuts* (nt. 106), 188-196.

¹¹⁰ Cf. Wilhelm von Tocco, *Ystoria sancti Thome*, c. 13, ed. le Brun-Gouanvic (nt. 106), 118-119. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 197-198 (Separatum 21-22).

Colônia. Isso inclui, entre outras, a narração de um Tomás silencioso e concentrado nos interesses científicos e na oração, ao qual seus colegas de estudo deram o apelido de “boi mudo”. A anedota destaca o assombro do mestre pela maturidade científica e pela capacidade de seu aluno, e a premonição nela baseada de sua importância futura para a Igreja e a história intelectual no mundo todo. “Nós o chamamos de ‘boi mudo’, mas este em breve emitirá um mugido no ensino que retumbará no mundo todo”, deve ter exclamado Alberto após Tomás dominar em modo excelente a tarefa de dar uma resposta a uma pergunta muito difícil. Essa história tem por objetivo transmitir que Alberto reconheceu o talento extraordinário de Tomás desde cedo e, de acordo com isso, o incentivou. O aluno, por outro lado, enfatiza o entusiasmo pelas lições do mestre e sua profunda sabedoria sobre aquilo que Tomás estava procurando e no qual, agora, encontrava satisfação¹¹¹.

As anedotas poderiam certamente não carecer de uma verdadeira essência, mas não refletem as circunstâncias em primeira mão, e sim a percepção de terceiros. Esta circunstância permanece peculiar para Tomás, que, como vemos, se abstém totalmente de fazer quaisquer afirmações sobre seu mestre – à diferença deste sobre seu sobre seu aluno. Não encontramos nenhuma menção ao nome do seu mestre nem em suas obras, nem em qualquer um dos seus trabalhos particulares, e tampouco uma única demonstração pessoal de reverência. Um diálogo entre “São Tomás o Pregador e o Bispo Alberto” do século XIV pode perceber a relação pessoal como algo especial, mas esse diálogo é apenas um produto literário da piedade popular alemã¹¹². A falta de qualquer declaração pessoal de Tomás sobre seu mestre ou só uma

¹¹¹ Wilhelm von Tocco, op. cit. (nt. 106), 116-118, aqui esp. 118: “*Nos uocamus istum bouem mutum, sed ipse adhuc talem dabit in doctrina mugitum quod in toto mundo sonabit!*”. Cf. Petrus von Preußen, *Vita b. Alberti*, c. 7 (nt. 5), 102-103. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 196 (Separatum 20). Sighart, *Albertus Magnus* (nt. 8), 39-41. Weisheipl, Thomas von Aquin (nt. 63), 49-50.

¹¹² Stammler, *Albert der Große und die deutsche Volksfrömmigkeit* (nt. 99), 298, 314-315. Nesse diálogo, Tomás fala de seu mestre como “santo pai” e demonstra a ele o maior respeito.

referência nominal ao seu provedor é estranha e, de acordo com a nossa compreensão, só pode ser explicada com dificuldade pela natureza reservada ou pela modéstia do aluno. Mesmo que aquilo que aprendeu com Alberto tenha se tornado, por assim dizer, propriedade de Tomás, como argumenta I. Craemer-Ruegenberg¹¹³, uma circunstância que é observada particularmente nos primeiros escritos do Aquinate, este fato na realidade não pode explicar e nem justificar o silêncio total sobre os empréstimos estruturais, de conteúdo e conceituais de seu mestre, cujas “impressões digitais” B. Blankenhorn recentemente tem demonstrado¹¹⁴ de forma impressionante para o comentário de Tomás à obra *‘De divinis nominibus’*. Tomás usou a interpretação do “*Corpus Dionysiacum*” de Alberto como a fonte primária de seu próprio comentário ao escrito “Sobre os nomes divinos” e, ao mesmo tempo, aproveitou a oportunidade para fazer todos os tipos de mudanças, esclarecimentos ou correções nos ensinamentos de seu mestre. Blankenhorn constata como vistoso para Tomás, entre as outras coisas, a evitação da teoria do *fluxus*, que foi adaptada por Alberto e quase onipresente para ele, e, como também A. Quero-Sánchez observou para a metafísica, a eliminação dos teoremas neoplatônicos em seu conjunto¹¹⁵. Em muitos aspectos Tomás se distanciou cada vez mais das posições de seu professor e, apesar de manter sua

¹¹³ Uma explicação interessante e positiva para isso oferece I. Craemer-Ruegenberg, *Albertus Magnus. Überarbeitet, aktualisiert und mit Anmerkungen versehen von H. Anzulewicz* (Dominikanische Quellen und Zeugnisse 7), Leipzig 2005, 167: “Tomás nunca indica nominalmente a Alberto em suas obras, nem se ocupa explicitamente com ele. É justamente nisso que a proximidade espiritual do aluno com o professor se expressa”.

¹¹⁴ B. Blankenhorn, *Dionysian Mysticism in the Early Albertus Magnus and in Thomas Aquinas*, 2 vols., Dissertação não-impressa Freiburg/Schweiz 2012, aqui vol. 2, 301 e passim. Este estudo será lançado em breve em Catholic University of America Press, Washington, DC. *Zum Einfluss der Dionysius-Auslegung des Albertus auf seinen Schüler Thomas* cf. também M. Burger, “Hierarchische Strukturen”. *Die Rezeption der Dionysischen Terminologie bei Albertus Magnus*, em: J. Hamesse/ C. Steel (eds.), *L’élaboration du vocabulaire philosophique au Moyen Âge* (Rencontres de Philosophie Médiévale 8), Turnhout 2000, 397-420, 407-409.

¹¹⁵ Blankenhorn, *Dionysian Mysticism*, vol. 2 (nt. 112), 246, 258 u. 197, 212, 386. Quero-Sánchez, *Über das Dasein* (nt. 12), 550.

terminologia nos escritos finais, deu-lhes um novo significado, que, segundo Blankenhorn leva à peculiaridade do ensino de Tomás se torna compreensível só à luz das suas fontes, principalmente os comentários de seu professor ao ‘*Corpus Dionysiacum*’¹¹⁶.

Este desenvolvimento doutrinário em Tomás levanta questões sobre sua atitude pessoal em relação ao seu mestre, que se transformou desde a crescente anulação dele no oposto do que nós podemos registrar na relação entre Alberto e seu aluno no *studium generale* de Colônia e que o mestre no final de sua vida dissera. O professor, que descobriu o talento de seu aluno, obviamente fez de tudo para a promoção científica dele, como talvez tenha sido mais claramente demonstrado no esforço mencionado para sua recomendação a fim de estudar em Paris. Apesar das crescentes diferenças de ensino entre os dois e um possível efeito retroativo do ensino do aluno no mestre, não encontramos reações explícitas a esse último. Somente em um lugar, como é atualmente conhecido, Alberto faz entender que ele conhece a “*Summa theologiae*” (I 1 3) de seu aluno e rejeita como falsa a opinião, nela sustentada, de que o *revelabile* é assunto da teologia. Contudo, Alberto não atribui expressamente essa doutrina a Tomás, mas a autores não citados pelo nome (*quidam*)¹¹⁷. A declaração de Bartolomeu de Cápua no processo de canonização de Tomás de Aquino desempenha um papel interessante nesse contexto: Hugo de Lucca, um amigo de Bartolomeu, contou-lhe que, depois que Alberto ficou sabendo em Colônia que os ensinamentos de Tomás de Aquino haviam sido atacados em Paris, imediatamente tomou a decisão de ir a Paris para defender seu aluno falecido e, apesar da idade avançada e contra o conselho de seus coirmãos preocupados com ele, realmente foi para Paris. Não obstante este relatório não possa ser verificado em sua

¹¹⁶ Blankenhorn, op. cit. (nt. 112), 233, 261.

¹¹⁷ Albertus Magnus, *Summa theologiae*, I, tr. 1, q. 3, c. 2, edd. Siedler/Kübel/Vogels (nt. 26), 12, 35-38 mit nt. 35. Cf. Siedler/Simon, Prolegomena, in: Albertus Magnus, *Summa theologiae*, I, edd. Siedler/Kübel/Vogels (nt. 26), XVII, 17-33. R. Wielockx, *Zur “Summa theologiae” des Albertus Magnus*, in: *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 66/1 (1990), 78-110, 104-105.

verdade histórica e a viagem do mestre idoso para Paris tenha que ser colocada em dúvida, a narração quer enfatizar claramente a alta consideração de Alberto na Ordem e junto aos seguidores do Aquinate e, acima de tudo, a relação especial do professor com seu aluno. Para a determinação das relações entre mestre e aluno a partir da perspectiva geral de seus trabalhos e de suas obras, há a questão verificável se, e até que ponto, eles são dependentes um do outro em seus trabalhos tardios, e o quanto eles têm se estranhado em termos de conteúdo e, possivelmente, do ponto de vista pessoal¹¹⁸.

Se tivermos de nos abster aqui da explicação de âmbitos e tópicos individuais em que Tomás se diferencia do seu mestre, como inicialmente exposto, não podemos evitar a questão da razão deles em vista desse afastamento. Este consiste apenas na diferente compreensão de questões objetivas, caracterizada por uma conseqüente preferência ou eliminação de determinadas posições filosóficas de fundo, ou em um estranhamento crescente, quando não em um fardo ulterior para a relação pessoal entre aluno e mestre? Essa possibilidade, que Bartolomeu de Cápua quer tirar de cena e que no século passado O. Lottin considerou em vista de Alberto e de seus últimos trabalhos em relação à “*Summa theologiae*” de Tomás¹¹⁹ (um caso que aqui não se aplica), não podemos nem provar, nem refutar. Conseqüentemente, a resposta à pergunta sobre a relação entre aluno e mestre *in toto*, que aqui de certa forma é ambivalente¹²⁰ e aberta, permanece em definitiva inacabada. Com base nesse resultado, é improvável que uma análise comparativa de textos individuais dois autores, recentemente postulada na pesquisa, mude muita coisa, como pode ser deduzido dos

¹¹⁸ A. A. Robiglio, *La sopravvivenza e la gloria. Appunti sulla formazione della prima scuola tomista (sec. XIV)* (Sacra doctrina. Bibliotheca 53/1), Bologna 2008, neste Cap. III (Edizione del testo, LXXXII), 95-96. Sighart, Albertus Magnus (nt. 8), 220-225. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 202-205 (Separatum 26-29).

¹¹⁹ O. Lottin, *Psychologie et morale aux XII^e et XIII^e siècles*, vol. 6, Gembloux 1960, 296.

¹²⁰ Sobre esta opinião concorda também Blankenhorn, *Dionysian Mysticism*, vol. 2 (nt. 112), 301-302. Cf. D. A. Callus, *San Tommaso d'Aquino e Sant'Alberto Magno*, in: *Angelicum* 37 (1960), 133-161.

estudos disponíveis sobre política, filosofia moral e filosofia do direito, psicologia, metafísica, sobre a assimilação da tradição dionisíaca e, não menos importante, sobre teologia¹²¹.

¹²¹ Schönberger propõe uma análise comparativa de textos individuais de Alberto e Tomás como um meio comprovado de “uma determinação suficiente da relação[ões] de pensamento” entre aluno e mestre, R. Schönberger, *Albertus Magnus und Thomas von Aquin: Zu einem Lehrer-Schüler-Verhältnis*, in: E. Feistner (ed.), *Das mittelalterliche Regensburg im Zentrum Europas*, Regensburg 2006, 159-176, aqui 175. Este pedido já foi parcialmente atendido, cf. J. R. Pierpauli, *Die praktische Vernunft als vis ordinativa. Albert und Thomas im Vergleich*, in: Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age 66 (1999), 73-87. S. Perfetti, *Immagini della Repubblica nei commenti medievali alla Politica di Aristotele: i casi di Alberto Magno e Tommaso d'Aquino*, in: Mediaevalia. Textos e estudos 20 (2001), 81-94. A. Obiwulu, *Tractatus de legibus in 13th Century Scholasticism. A Critical Study and Interpretation of Law in Summa Fratris Alexandri, Albertus Magnus and Thomas Aquinas* (Schriftenreihe der Josef Pieper Stiftung 4), Münster 2003. J. R. Pierpauli, Racionalidad práctica y filosofía política. *Los modelos de Alberto Magno y de Tomás de Aquino y su significado para la Filosofía Política actual*, Buenos Aires 2007. M. Perkams, *Gewissensirrtum und Gewissensfreiheit. Überlegungen im Anschluss na Thomas von Aquin und Albertus Magnus*, in: Philosophisches Jahrbuch 112/1 (2005), 31-50. T. Hoffmann, *Voluntariness, Choice, and Will in the Ethics Commentaries of Albert the Great and Thomas Aquinas*, in: Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale 17 (2006), 71-92; id., *Albert the Great and Thomas Aquinas on Magnanimity*, in: I. P. Bejczy (ed.), *Virtue Ethics in the Middle Ages* (Brill's Studies in Intellectual History 160), Leiden-Boston 2008, 101-129. J. Müller, *In War and Peace: The Virtue of Courage in the Writings of Albert the Great and Thomas Aquinas*, in: Bejczy (ed.), *Virtue Ethics in the Middle Ages*, 77-99. V. Cordonier, *Sauver le Dieu du Philosophe: Albert le Grand, Thomas d'Aquin, Guillaume de Moerbeke et l'invention du Liber de bona fortuna comme alternative autorisée à l'interprétation averroïste de la théorie aristotélicienne de la providence divine*, in: L. Bianchi (ed.), *Christian Readings of Aristotle from the Middle Ages to the Renaissance* (Studia Artistarum 29), Turnhout 2011, 65-114. J. S. Ogarek, *Die Sinneserkenntnis Alberts des Großen verglichen mit derjenigen des Thomas von Aquin*, Lwów 1931. M. Lenzi, *Alberto et Tommaso sullo statuto dell'anima umana*, in: Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age 74 (2007), 27-58; J. Müller, *Die Seele als Seins- und Tätigkeitsprinzip des menschlichen Lebens nach Averroes, Albertus Magnus und Thomas von Aquin*, in: P. Bahr/S. Schaede (eds.), *Das Leben. Historischsystematische Studien zur Geschichte eines Begriffs*, vol. 1, Tübingen 2009, 183-217. Hellmeier, *Anima et intellectus* (nt. 11). A. de Libera, *Albert le Grand et Thomas d'Aquin interprètes du Liber de causis*, in: Revue des Sciences philosophiques et théologiques 74 (1990), 347-378. Quero-Sánchez, *Über das Dasein* (nt. 12). V. Salas, *Albertus Magnus and Thomas Aquinas on the Analogy between God and Creatures*, in: Mediaeval Studies 72 (2010), 283-312. M. Bender, *The Dawn of the Invisible. The Reception of the Platonic Doctrine on Beauty in the Christian Middle Ages: Pseudo-Dionysius the Areopagite – Albert the Great – Thomas Aquinas – Nicholas of Cusa* (Wissenschaftliche Schriften der WWU Münster II/2), Münster 2010.

2 ALBERTO E ULRICO ENGELBERTI DE ESTRASBURGO

Além de Tomás de Aquino, Ulrico de Estrasburgo é considerado o aluno mais conhecido, mais importante e também o mais fiel de Alberto Magno, com quem manteve relações de amizade por toda a vida¹²². A união estreita e a admiração que ele frequentemente costumava manifestar em relação a seu mestre vêm à tona de maneira concisa, e talvez mais clara, na famosa fórmula frequentemente citada na pesquisa da principal obra de Ulrico “*De summo bono*”. Lá podemos ler: “Meu professor, Senhor Alberto, antigamente bispo de Ratisbona, um homem tão cheio de inspiração divina em toda ciência, que pode ser justamente chamado de portento e maravilha do nosso tempo”¹²³. Outros testemunhos de carinho e cuidado recíprocos são as cartas de Ulrico a Alberto e a seu *socius*, Godofredo de Duisburg, a esse último com a tarefa de despertar o interesse do mestre em prol de um importante pedido do provincial Ulrico para a fundação do mosteiro em Neuss¹²⁴.

Blankenhorn, *Dionysian Mysticism* (nt. 112). E.-H. Wéber, *La personne humaine au XIIIe siècle* (Bibliothèque Thomiste 46), Paris 1991. H. C. Schmidbaur, *Personarum Trinitas. Die trinitarische Gotteslehre des heiligen Thomas von Aquin* (Münchener Theologische Studien II/52), St. Ottilien 1995, bes. 74, 264-279, 327. G. Emery, *La Trinité créatrice. Trinité et création dans les commentaires aux Sentences de Thomas d’Aquin et ses précurseurs Albert le Grand et Bonaventure* (Bibliothèque Thomiste 47), Paris 1995. C. L. Barnes, *Albert the Great and Thomas Aquinas on Person, Hypostasis, and Hypostatic Union*, in: *The Thomist* 72 (2008), 107-146. T. Marschler, *Auferstehung und Himmelfahrt Christi in der scholastischen Theologie bis zu Thomas von Aquin*, 2 vols. (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters. N.F. 64/I-II), Münster 2003.

¹²² Para os alunos favoritos de Alberto ver Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 207-212 (Separatum 31-36). Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg* (nt. 79).

¹²³ Ulrich von Straßburg, *De summo bono*, l. 4, tr. 3, c. 9, ed. A. Palazzo (Corpus Philosophorum Teutonicorum Medii Aevi I/4[4]), Hamburg 2005, 142, 178-180: “*doctor meus Dominus Albertus, episcopus quondam Ratisbonensis, vir in omni scientia adeo divinus, ut nostri temporis stupor et miraculum congrue vocari possit [...]*”.

¹²⁴ As cartas de Ulrico estão impressas em H. Finke, *Ungedruckte Dominikanerbriefe* (nt. 8). Nessa coletânea as cartas N. 47, 50, 53 estão endereçadas a Alberto; ao *socius* de Alberto, Godofredo de Duisburg, Ulrico enviou a carta N. 55; permanece em aberto a questão se a carta de agradecimento N. 3 a Alberto provenha de Ulrico.

A origem e a data de nascimento de Ulrico, bem como o momento de seu ingresso na Ordem dos Pregadores, permanecem desconhecidos. Na pesquisa anterior, presume-se que ele viesse da família patriciana estrasburguesa dos Zorn ou de seu círculo de parentesco e, junto com Hugo Ripelin de Estrasburgo, que também deveria ter pertencido a esse mesmo parentesco, esteve aos pés de Alberto em Colônia¹²⁵. Se ele tivesse nascido por volta de 1225, como às vezes se hipotiza na literatura de pesquisa, ele não poderia ter iniciado seus estudos junto com Alberto em Colônia antes de 1248 e, presumivelmente, prosseguido até 1254¹²⁶. Se essa suposição estiver correta, ele também conheceu pessoalmente Tomás de Aquino em Colônia. Não sabemos como sua vida continuou até o início da década de 1270. Algumas evidências sugerem que ele trabalhou como Leitor em Würzburg por volta de 1260, e acompanhou Alberto no caminho para Ratisbona a fim de assumir o episcopado em março de 1260. A volta de Alberto após sua renúncia à cátedra episcopal em Würzburg em 1264, pode também estar relacionada à presença de seu aluno favorito no convento daquela cidade. Está claro que Ulrico, antes de ser eleito Provincial da Teutônia no Capítulo Provincial de Basileia em 1272, trabalhou como leitor no Convento de Estrasburgo, onde Alberto também trabalhou de 1267 a 1270¹²⁷. Ulrico inicialmente recusou sua eleição a Provincial, aludindo à sua condição de saúde precária. Contudo, no fim ele se curvou ao voto dos eleitores e à sua confirmação pelo Mestre da Ordem,

¹²⁵ Finke, *Ungedruckte Dominikanerbriege* (nt. 8), 18. C. Baeumker, *Der Anteil des Elsaß an den geistigen Bewegungen des Mittelalters*, in: id., *Studien und Charakteristiken zur Geschichte der Philosophie insbesondere des Mittelalters. Gesammelte Vorträge und Aufsätze* (Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters 25/1-2), Münster i. W. 1927, 232-233. Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg* (nt. 79), 151. K. Schmitt, *Die Gotteslehre des Compendium theologiae veritatis des Hugo Ripelin von Straßburg*, Münster [1940], 12.

¹²⁶ Cf. A. de Libera, *Ulrich de Strasbourg, 1225-1277*, in: C. Gauvard/A. de Libera/M. Zink (eds.), *Dictionnaire du Moyen Âge*, Paris ³2009, 1415-1416. A. de Libera/B. Mojsisch, *Einleitung*, in: Ulrich von Straßburg, *De summo bono*, liber I, ed. B. Mojsisch (Corpus Philosophorum Teutonicorum Medii Aevi I/1), Hamburg 1989, IX. Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg* (nt. 79), 154.

¹²⁷ Finke, *Ungedruckte Dominikanerbriege* (nt. 8), 18, 79 Nr. 45 (Mestre João de Wildeshausen confirmou a escolha de Ulrico como Superior Provincial).

na esperança de que seu professor Alberto não recusasse em apoiá-lo. Após sua confirmação no cargo de Provincial, ele escreveu na carta ao “Bispo e amigo da Ordem” – quer dizer Alberto – que ele não viu outro apoio humano além dele e, portanto, procurou-o como o Senhor que atravessa o mar durante uma tempestade e estende a mão através de conselhos, ações e conhecimentos e pode salvá-lo do afogamento¹²⁸. Como provincial, Ulrico visitou seu mestre na primavera de 1273, em Colônia, onde ficou doente e depois agradeceu a Alberto em uma carta, após sua recuperação, por sua participação cuidadosa à sua doença¹²⁹. No outono do mesmo ano, ele estava novamente em Colônia junto com o Mestre da Ordem João de Vercelli e, no convento dominicano, encontrou-se com o rei Rodolfo de Habsburgo. Alberto não deveria ter faltado a este encontro. Talvez Ulrico e Alberto tenham se encontrado pela última vez em Antuérpia em 1276. De saúde precária e debilitado pelas constantes viagens a pé na ampla Província da Teutônia, Ulrico pediu ao Mestre da Ordem, no final de 1276, sua exoneração do fardo que era o cargo de Provincial e a permissão de poder se dedicar ao ensino. No Capítulo Geral de Bordeaux, em 1277, ele foi substituído e liberado para o doutorado em Paris¹³⁰. Mas antes que pudesse iniciar e realizar esta tarefa, ele faleceu. Ele deixou como legado a obra “*De summo bono*”, planejada em oito livros, mas completada apenas até

¹²⁸ Finke, op. cit. (nt. 8), 19-20, 80 Brief Nr. 47: “*Inter hec cum aspicerem ad adjutorium hominum et non esset, vos respicere jussus sum tamquam dominum super mare ambulante et fluidis omnibus indeclinabiliter preeminente, qui potens opere et sermone, sciencia fortis, consciencia fortior non dedignetur manum extendere et suscipere pro occursu tempestatis valide titubante*”. Em seu pedido a Alberto, Ulrico faz alusão a Mt. 14, 22-33.

¹²⁹ Finke, op. cit. (nt. 8), 82 Brief Nr. 50: “*Quid autem minus debet patri filius, magistro discipulus, domino famulus, curator parvulus, quam se totum. Nondum enim substitit instagnata benignitas et humanitas dilectoris, set letificativo fluminis impetu plantam suam cultor benivolus irrigavit, cum me alterum nuper Lazarum [...] convivam mense vestre [...] accersistis in loco pascue collocando, ita ut iam preclaro benignitatis vestre cálice vegetatus mala non timeam Dei misericordia subsequente*”. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 209-210 (Separatum 33-34); id., *Albert der Große* (nt. 2), 99.

¹³⁰ Finke, op. cit. (nt. 8), 22, 104 Brief Nr. 81. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 210-211 (Separatum 34-35).

o livro VI, na qual ele se conectou à tradição peripatético-dionisiana de seu professor, baseada no modelo neoplatônico de pensamento, e lhe deu seguimento. Além das cartas recebidas, um sermão e uma compilação incorretamente atribuída a ele que remonta ao “*De homine*” de Alberto, o “*Tractatus de homine*” de João Hulshot de Mecheln, lhe são atribuídos ainda outros três trabalhos que não são transmitidos¹³¹.

Assim como em suas relações pessoais, também em suas visões didáticas Ulrico demonstra ser um admirador e seguidor de Alberto. Não apenas em questões gerais, mas também em muitas questões detalhadas ele anda no caminho de seu professor e, em alguns pontos, em uma direção oposta à posição do mais importante aluno de Alberto, Tomás de Aquino. Isso diz respeito às coordenadas hermenêuticas do seu pensar, mais precisamente ao modelo neoplatônico de pensamento, à compreensão do Primeiro Princípio e de seus atributos, bem como à determinação da relação entre teologia e filosofia, à compreensão da teologia como *scientia affectiva*, à assimilação das teorias do intelecto alimentadas nas fontes aristotélicas e persiano-islâmicas, à teoria neoplatônica da emanção e à teoria da iluminação, bem como seu conceito de bem, de belo e de vida fundamentado global e onto-teologicamente. A autonomia do pensamento e a originalidade doutrinal de Ulrico não são forçosamente limitadas a esses pressupostos. A amizade pessoal com o mestre, sua veneração e lealdade a ele obviamente não exigiram nenhum tributo especial do aluno, nenhuma renúncia às correções ocasionalmente necessárias aos conteúdos do ensino. Entretanto, elas lhe garantiram a inspiração e o discernimento que, como têm mostrado os estudos – entre outros – de M. Grabmann, A. Stohr, W. Breuning, B. Geyer, I. Backes, A. de Libera e B. Mojsisch e, mais recentemente, de A. Palazzo, mostraram o desenvolvimento e a continuação do pensamento, dando asas às “ideias preferidas” de Alberto (B. Geyer)¹³². Como já mencionado, a

¹³¹ Kaeppli/Panella, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 4 (nt. 104), 418-423. Cf. A. Pattin, *Le “Tractatus de homine” de Jean de Malines*, Leuven 1977, 3-5.

¹³² Cf. Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg* (nt. 79), 147-221. A. Stohr, *Die Trinitätslehre Ulrichs von Straßburg mit besonderer Berücksichtigung ihres*

isso pertencem os elementos neoplatônico-dionisiano e aristotélico do sistema de pensamento de Alberto, um amplo espectro de seu programa metafísico, mas também as questões sistemáticas da teologia, especialmente a doutrina sobre Deus, na qual, no livro V da obra “*De summo bono*”, está registrada também uma influência da Tomás de Aquino¹³³.

3 NOTA FINAL

Concluimos nossas anotações com a afirmação segundo a qual o “irmão e mestre Alberto de Colônia”, como é designado por Tomás de Aquino na “Divina Comédia” de Dante (Paradiso X, 98-99), era a “autoridade desproporcionalmente predominante para Ulrico” de Strasburgo (A. de Libera e B. Mojsisch), para Tomás de Aquino e para muitos outros irmãos Pregadores, que pertenciam a seu grupo mais restrito e mais amplo de alunos e trabalhavam no campo da filosofia e teologia nos limites da originária província dominicana da Teutônia entre 1250 e 1350. Não atribuímos nenhuma importância particular ao fato de que as ideias didáticas de Alberto “já estavam pesando no processo de recepção de uma visão de futuro”¹³⁴, porque isso faz parte

Verhältnisses zu Albert dem Großen und Thomas von Aquin (Münsterische Beiträge zur Theologie 13), Münster 1928. W. Breuning, *Erhebung und Fall des Menschen nach Ulrich von Straßburg* (Trierer Theologische Studien 10), Trier 1959. B. Geyer, *Das Verhältnis der Summa de summo bono Ulrichs von Straßburg zur Metaphysik Alberts des Großen*, in: *Recherches de Théologie ancienne et médiévale* 37 (1970), 147-150. I. Backes, *Die Christologie, Soteriologie und Mariologie des Ulrich von Straßburg*, 2 vols. (Trierer Theologische Studien 29/1-2), Trier 1975, aqui vol. 2, 136-138. A. de Libera, *Ulrich de Strasbourg, lecteur d'Albert le Grand*, in: *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie* 32 (1985), 105-136. De Libera/Mojsisch, *Einleitung* (nt. 124), IXXXVIII. *Für weitere Literaturhinweise siehe Kaeppli/Panella, Scriptorum Ordinis Praedicatorum*, vol. 4 (nt. 104), 418.

¹³³ Cf. Breuning, *Erhebung und Fall* (nt. 130), 214. H. Loduchowski, *Die Lehre von der “Iustitia” bei Ulrich von Straßburg und ihre Beziehungen zu Albert dem Großen und Thomas von Aquin*, in: *Trierer Theologische Zeitschrift* (Pastor bonus) 75 (1966), 42-48, aqui 45-46, 48; o redator, às vezes, vê uma “dependência [sic!] do aluno do seu mestre” crítica para o campo temático aristotélico por ele examinado. Backes, *Die Christologie* (nt. 130), 136-137.

¹³⁴ A. de Libera/B. Mojsisch, *Einleitung* (nt. 124), XI.

do processo de recepção intencional de toda teoria. Do ponto de vista da nossa pergunta, contudo, a modalidade dessa recepção e dessa visão de futuro, seja ela desdobramento, como é reivindicado por Ulrico, por exemplo, seja ela reinterpretção, como ao invés é observado em Tomás, é importante enquanto explica a relação recíproca entre aluno e mestre explícita ou implicitamente. As informações extraídas dessas modalidades oferecem um ponto de partida objetivo para um testemunho externo, inclusivo e diferenciado que, ao lado da verdade histórica, procura a reconstrução de uma relação entre aluno e mestre constituída pela *doctrina* e pelo *affectus*. O exemplo da tentativa de determinação grosseira da relação dos alunos Ulrico de Estrasburgo e Tomás de Aquino com seu mestre tem mostrado que os diferentes níveis de relação correspondem entre si, influenciam-se reciprocamente e aproximadamente se equivalem¹³⁵.

¹³⁵ Muito obrigado a Philipp A. Anzulewicz e Christian Kny pela revisão linguística do texto.

ANEXO A – ALUNOS DE ALBERTO MAGNO: UM ELENCO PROVISÓRIO

[1] Egídio de Lessines (aprox. de 1230 a 1304)

De acordo com P. Glorieux e J.A. Weisheipl, Egídio de Lessines provavelmente assistiu às aulas de Alberto em Colônia antes de 1262. Como bacharel em teologia em Paris, antes do mês de dezembro de 1270 enviou a Alberto uma lista de 15 teses heterodoxas ensinadas nas aulas de filosofia daquela Universidade, com o pedido de refutá-las. Os pareceres de Alberto sobre as questões individuais formam o conteúdo do seu escrito ‘*De XV problematibus*’.

Literatura: Albertus Magnus, *De XV problematibus*, ed. Geyer (nt. 41), XVII-XXIV + 31-44; latim-alemão.: Albert der Große, *De quindecim problematibus/Über die fünfzehn Streitfragen* (nt. 60). H. Anzulewicz, Idzi z Lessines, in: *Powszechna Encyklopedia Filozofii*, vol. 4, Lublin 2003, 742-743. P. Glorieux, *Répertoire des maîtres en théologie de Paris au XIII^e siècle*, vol. 1, Paris 1933, 127-128 Nr. 27; id., *La faculté des arts et ses maîtres au XIII^e siècle* (Études de Philosophie médiévale 59), Paris 1971, 146 Nr. 123. Kaeppli, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 1 (nt. 73), 13-15. T. Schneider, *Die Einheit des Menschen. Die anthropologische Formel „anima forma corporis“ im sogenannten Korrektorienstreit und bei Petrus Johannis Olivi*, Münster 1973, 71, 83-87. Stehkämper, *Albertus Magnus. Ausstellung* (nt. 8), 88 Nr. 100. Weisheipl, *Thomas von Aquin* (nt. 63), 48.

[2] Ambrósio Sansedoni de Siena (1220-1287)

Depois do ingresso na Ordem dos Pregadores em 1237 (ou 1244), Sansedoni provavelmente estudou, como observa M. Grabmann com referência a “uma boa tradição”, junto com Tomás de Aquino e Ulrico de Estrasburgo com Alberto Magno em Paris e no *studium generale* em Colônia, onde ele também ensinou. Ele aprendeu a língua alemã e trabalhou como pregador no Baixo Reno. Depois de retornar à sua província romana de origem, foi Lector, Prior do convento em Siena, um pregador bem-sucedido e mediador da paz. Papa Gregório XV permitiu sua veneração na Ordem Dominicana em 1622.

Literatura: Fries, *Der Albertschüler Ambrosius da Siena* (nt. 80), 77-96; id., *Einfluß des Thomas* (nt. 77), 428-454. Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg* (nt. 79), 158-159. Kaeppli, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 1 (nt. 73), 58-59. Lex, *Ambrosius Sansedonius* (nt. 73), 352. Lohrum, *Albert der Große* (nt. 64), 55. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 12. Scheeben, *Albert der Große* (nt. 2), 23, 116;

id., *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 184-186, 194 (Separatum 8-10, 18). Schneyer, *Repertorium* (Autoren A-D) (nt. 76), 280-286. J. N. Seidl, *Ambrosius von Siena*, in: Wetzler und Welte's Kirchenlexikon, vol. 1, Freiburg i. Br. 21882, 703-704. Sighart, *Albertus Magnus* (nt. 8), 50. Torrell, *Magister Thomas* (nt. 103), 160-161. S. Tugwell, *Albert the Great. Introduction*, in: id., *Albert & Thomas. Selected Writings*, New York-Mahwah 1988, 11. I. Venchi, *Catalogus hagiographicus Ordinis Praedicatorum*. Editio altera revisa et aucta, ed. F. M. Ricci, Romae 2001, 84-85.

[3] Conrado da Áustria

O nome desse aluno de Alberto e sua pertença ao *studium generale* de Colônia dos Dominicanos são atestados no colofão¹³⁶ do *Reportatum* das “*Quaestiones super De animalibus*” de Alberto, transmitido pelo Codex H 44 da Biblioteca Ambrosiana de Milão. Ali (fol. 87vb), lê-se: “*Expliciunt questiones super de animalibus, quas disputavit frater albertus repetendo librum animalium fratribus colonie, quas reportavit quidam frater et collegit ab eo audiens dictum librum nomine cunradus de austria. Hoc actum est anno domini 1258*”.

Literatura: E. Filthaut, *Ad Quaestiones super De animalibus Prolegomena*, in: Albertus Magnus, *Quaestiones super De animalibus*, ed. Filthaut (nt. 38), XXXV, XLV sq. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 182 (Separatum 6).

[4] Dionísio de Viterbo (?)

Juntamente com Oderico Francigenus, ele acompanhou Ambrósio Sansedoni na viagem para estudar em Paris e lá pode ter se tornado um aluno de Alberto.

Lit.: Scheeben, *Albert der Große* (nt. 2), 23; id., *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 185 (Separatum 9).

[5] Henrique Teutonicus

O cronista Dominicano Ambrósio Taegius transmite o nome desse aluno de Alberto. Ele o caracteriza como um teólogo formado, conhecedor da filosofia peripatética, autor de um Comentário sobre as

¹³⁶ “Nos manuscritos e nos incunábulo medievais, nota final que fornece referências sobre a obra e indicações relativas à sua autoria, transcrição, impressão, lugar e data de sua feitura; nos livros atuais, inscrição final onde o tipógrafo indica a data e o lugar da feitura da obra; cólofon”. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0. N.d.T.

Sentenças e outros escritos que não são conservados: “*Frater Henricus Theutonicus, Alberti Magni discipulus, vir in sacra theologia eruditus et philosophiae peripatetice haud mediocriter fama celebris et opinione preclarus. Scripsit super quatuor libros sententiarum et plura alia, que ad manus meas non pervenerunt [...]*”. É possível que ele seja idêntico ao “*Frater Henricus Theutonicus*”, que é mencionado mais frequentemente por Tomás Cantimpratanus em relação ao anterior “*Lector fratrum Praedicatorum in Colonia*” e é caracterizado como “*vir in omni scientia cum sanctitate conspicuus*”.

Literatura: Ambrosius Taegius, *De insignis Ord. Praed.*, Roma, Archivum gen. O.P., Cod. XIV 54, 180r-v (cit. n. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* [nt. 4], 183; Separatum 7). Thomas von Cantimpré, *Bonum universale de apibus* (nt. 83), 559; *ibid.*, l. 1, c. 3, 17-18; c. 19, 68; l. 2, c. 10, 187; c. 43, 417-418; c. 54, 524.

[6] Hugo de Borgognonibus Lucensis († 1322)

Aluno de Alberto nos *studium generale* em Colônia (após 1270); ele deve ter acompanhado Alberto em 1277 (final de 1276?) na viagem a Paris para defender os ensinamentos de Tomás de Aquino e no caminho de volta para Colônia. Mais tarde, foi Prior (1291, 1298) e leitor no convento de Lucca, *praedicator generalis* (1291) e Provincial da província Dominicana romana (1299-1304).

Lit.: T. Kaeppli, *Scriptores Ordinis Praedicatorum Medii Aevi*, vol. 2, Romae 1975, 253. Kaeppli/Panella, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 4 (nt. 104), 122. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 12. Scheeben, *Albert der Große* (nt. 2), 90, 109, 119-120; *id.*, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 202-207 (Separatum 26-31).

[7] Hugo Ripelin de Estrasburgo († 1268)

Hugo tornou-se conhecido por sua obra manuscrita “*Compendium theologiae veritatis*”, atribuída a Alberto Magno e outros autores (entre os quais Aegidius Romanus, Alexander Halensis, Bonaventura, Guillelmus Edon Anglicus, Hugo de St. Cher, Petrus Aureolus, Petrus de Tarantasia, Tomás de Aquino, Ulrico de Estrasburgo). Nos anos 1232-1242 e 1252-1259, ele foi Prior e 1247-1248 Subprior do convento em Zurique; em 1260, ele estava no convento em Estrasburgo e em 1261 ocupou o cargo de Prior. É provável que ele tenha estudado, junto com Ulrico de Estrasburgo (com quem aparentemente tinha um

vínculo de parentesco), entre 1248 e 1252 com Alberto em Colônia. A influência de Alberto no “*Compendium theologiae veritatis*” de Hugo foi verificada, em pesquisas mais antigas, apenas no livro II (“*De operibus conditoris*”). O autor declara no prólogo que ele se baseia nos escritos de grandes teólogos.

Lit.: Baeumker, *Der Anteil des Elsaß an den geistigen Bewegungen des Mittelalters* (nt. 123), 233-234, 236, 239. A. Fries, *Johannes von Freiburg, Schüler Ulrichs von Strassburg*, in: *Recherches de Théologie ancienne et médiévale* 18 (1951), 332-340, 335. M. Grabmann, *Die Geschichte der katholischen Theologie seit dem Ausgang der Väterzeit*, Freiburg i. Br. 1933 [Neudruck Darmstadt 1983], 75. Kaeppli, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 2 (Nr. 6), 260-269. F. Stegmüller, *Repertorium commentariorum in Sententias Petri Lombardi*, vol. 1, Würzburg 1947, 172-173. Weisheipl, *Thomas von Aquin* (nt. 63), 48.

[8] Frater Mikul

Em 1248 foi eleito provincial da Província Dominicana da Polônia, em 1249 foi dispensado pelo Mestre da Ordem João de Wildeshausen e enviado a Colônia para estudar.

Literatura: G. Labuda, *Zaginiona kronika z pierwszej połowy XIII wieku w Rocznikach Królestwa Polskiego Jana Długosza: próba rekonstrukcji*, Poznań 1983, 173. R.-J. Loenertz, *Une ancienne chronique des provinciaux dominicains de Pologne*, in: *Archivum Fratrum Praedicatorum* 21 (1951), 5-50, 21. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 184 (Separatum 8). Walz, *Albert der Große als Lector Coloniensis* (nt. 1), 155.

[9] Martinho de Brandenburgo (Martinus Brandenburgensis)

Compilador dos primeiros escritos de Alberto e, segundo Grabmann, seu provável aluno imediato.

Literatura: H. Anzulewicz, *De forma resultante in speculo des Albertus Magnus*, Münster 1999, 82, 111, 135, 137, 242, 246, 259; id., *Prolegomena*, in: *Albertus Magnus, De homine*, edd. Anzulewicz/Söder (nt. 24), XI, XXVII. Grabmann, *Drei ungedruckte Teile* (nt. 9), 8 sqq. T. Kaeppli, *Scriptores Ordinis Praedicatorum Medii Aevi*, vol. 3, Romae 1980, 107. C. Rigo, *Zur Redaktionsfrage der Frühschriften des Albertus Magnus*, in: L. Honnefelder e. a. (eds.), *Albertus Magnus und die Anfänge der Aristoteles-Rezeption im lateinischen Mittelalter*, Münster 2005, 362. Stegmüller, *Repertorium commentariorum in Sententias*, vol. 1 (Nr. 7), 257.

[10] Nicola Brunazzi (“*alter frater Thomas*”, † 1322)

Depois do ingresso na ordem em Perugia, em 1255, Nicola Brunazzi foi para Colônia para estudar com Alberto. Depois de quatro anos, ele

voltou à sua terra natal italiana com uma carta de recomendação de seu professor ao capítulo da província romana. Alberto escreveu sobre ele: “*Remitto vobis fratrem Nicolaum Perusinum, alterum fratrem Thomam de Aquino, scientes ipsum esse in divina pagina plenissime doctum. Et idcirco merito commendatur, secundum nomen suum ita et laus sua, quia Nicolaus bona laus interpretatur vel victoria populi, idest mundi, ad ordinem veniens, ubi viget paupertas, oboedientia et castitas contraria mundi*”.

Literatura: Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 12. Mandonnet, *Thomas d’Aquin lecteur a la curie romaine* (nt. 69), 39. Scheeben, *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 186 (Separatum 10). Walz, *Compendium historiae* (nt. 71), 143; id., *Albert der Große als Lector Coloniensis* (nt. 1), 159-160. Weisheipl, *Thomas von Aquin* (nt. 63), 221, 313.

[11] Odorico Francigenus (?)

Odorico acompanhou, com Dionísio de Viterbo, Ambrósio Sansedoni em sua viagem para estudar em Paris e talvez lá poderia ter sido um aluno de Alberto.

Literatura: Scheeben, *Albert der Große* (nt. 2), 23; id., *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 185 (Separatum 9).

[12] Raimundo Martini (Ramon Martí, † após 1º de julho de 1284)

O Dominicano catalão, leitor em 1250 em Tunes, foi, segundo E. Colomer, aluno de Alberto em Paris e colega de classe do Aquinate. O Capítulo de Toledo o destinou, sob pedido de Raimundo de Penaforte, para o estudo das línguas orientais em Múrcia.

Lit.: E. Colomer, *Die Beziehung des Ramon Llull zum Judentum im Rahmen des spanischen Mittelalters*, in: P. Wilpert/W. P. Eckert (eds.), *Judentum im Mittelalter. Beiträge zum christlich-jüdischen Gespräch* (Miscellanea Mediaevalia 4), Berlin-New York 1966, 183-227, bes. 205. G. K. Hasselhoff, *Dicit Rabbi Moyses. Studien zum Bild von Moses Maimonides im lateinischen Westen vom 13. bis zum 15. Jahrhundert*, Würzburg 2004, 225-244. Kaeppli, *Scriptores Ordinis Praedicatorum Medii Aevi*, vol. 3 (Nr. 9), 281-283. Kaeppli/Panella, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 4 (nt. 104), 244-246. I. M. Resnick, *Albert the Great on the Talmud and the Jews*, in: T. Kushner (ed.), *Philosemitism, Antisemitism and ‘the Jews’. Perspectives from the Middle Ages to the Twentieth Century*, Burlington, VT 2004, 149.

[13] Magister Scambius Coccoveius

Segundo a crônica do convento de *S. Mariae ad Gradus* em Viterbo, Magister Scambius Coccoveius, que na lista dos Priores deste convento é indicado em nono lugar, estudou com Alberto em Colônia. A anotação da crônica (Arch. Di Stato di Perugia, Corporaz. Relig. Soppr., S. Domenico, Miscell. 66, 33r) diz: “9. Mag. Scambius Coccoveius qui sub Magistro Alberto Coloniae studuit, et magnus disputator, et clericus peritus evasit. Effulsit in Theologia, et regimine, et quedam in dialetica edidit, quae non inveniuntur, nisi fragmenta de regimine”. Ele teria sido homenageado com o título de *praedicator generalis*.

Lit.: Löhr, Beiträge zur Geschichte des Kölner Dominikanerklosters, vol. 1 (nt. 1), 60. R. A. Gauthier, Quelques questions à propos du commentaire de S. Thomas sur le *De anima*, in: Angelicum 51 (1974), 419-472, 441. P.-T. Masetti, Monumenta et antiquitates veteris disciplinae ordinis Praedicatorum ab anno 1216 ad 1348 praesertim in Romana provincia praefectorumque ..., vol. 1, Romae 1864, 368. Scheeben, De Alberti Magni discipulis (nt. 4), 184 (Separatum 8).

[14] Tomás de Aquino († 1274)

Aluno de Alberto Magno em Paris e assistente do recém-fundado *studium generale* dos Dominicanos em Colônia.

Literatura: B. Blankenhorn, *Aquinas as Interpreter of Augustinian Illumination in the Light of Albertus Magnus*, in: Nova et Vetera. English Edition 10/3 (2012), 689-713. C. von Brentano, *Albertus magnus. Ordensmann, Bischof und Gelehrter*, München 1881, 29-42. Burger, *Thomas Aquinas's Glosses on the Dionysian Commentaries of Albert the Great in Codex 30 of the Cologne Cathedral Library* (nt. 106). Callus, *San Tommaso d'Aquino e Sant'Alberto Magno* (nt. 118). H. Denifle/A. Walz, *Zum Kölner Studienaufenthalt des Aquinaten*, in: Römische Quartalschrift 34 (1926), 46-58. Fries, *Einfluß des Thomas auf liturgisches und homiletisches Schrifttum des 13. Jahrhunderts* (nt. 77), 401-428. Glorieux, *Répertoire des maîtres en théologie de Paris au XIII^e siècle*, vol. 1 (Nr. 1), 85-104 Nr. 14. Hellmeier, *Anima et intellectus* (nt. 11). R. Imbach, *Thomas d'Aquin*, in: Gauvard/Libera/Zink (eds.), *Dictionnaire du Moyen Âge* (nt. 124), 1387-1391. W. Kluxen, *Thomas v. Aquin*, in: *Lexikon für Theologie und Kirche*, vol. 9, Freiburg-Basel-Rom-Wien 32000, 1509-1517 (Bibliogr.). V. Leppin (ed.), *Thomas von Aquin-Handbuch*, Tübingen 2015. Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 11. P. Mandonnet, *Thomas d'Aquin, novice prêcheur 1244-1246*, in: *Revue Thomiste* N.S. 8 (1925), 493-521. J. Müller, *Natürliche Moral und philosophische Ethik bei Albertus Magnus*, Münster 2001, 377-378, 390-392, 397-398. H. C. Scheeben, *Albert der Große und Thomas von Aquino in Köln*, in: *Divus Thomas* (Freiburg/Schweiz) 9 (1931), 28-34; id., *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 188-207 (Separatum 12-31). W. Senner, *Blühende Gelehrsamkeit. Eine Ausstellung zur Gründung des Studium generale der Dominikaner in Köln vor 750 Jahren* [Katalog], Köln 1998, 10. Sighart, *Albertus Magnus* (nt. 8), 36-42, 220-225. Stegmüller, *Repertorium commentariorum*

in *Sententias Petri Lombardi*, vol. 1 (Nr. 7), 393-403. J.-P. Torrell, *Initiation à Saint Thomas d'Aquin*, Paris 2006. Walz, *Albert der Große als Lector Coloniensis* (nt. 1); id., *Saint Thomas d'Aquin. Adaptation française par P. Novarina* (Philosophes Mé'die'vaux 5), Louvain-Paris 1962, esp. Kap. V: *Élève de saint Albert a Cologne*, 59-74. Weisheipl, *Thomas von Aquin* (nt. 63); id., *Thomas d'Aquino and Albert His Teacher*, Toronto 1980.

[15] Tomás de Cantimpré († aprox. 1270/1272)

Aluno ou, melhor, ouvinte de Alberto no *studium generale* dos Dominicanos em Colônia.

Literatura: P. P. Albert, *Zur Lebensgeschichte des Albertus Magnus*, in: Freiburger Diözesan-Archiv NF 3 (1902), 283-298, 286. B. Beyer de Ryke, *Thomas de Cantimpré, 1201-1270/1272*, in: Gauvard/de Libera/Zink (eds.), *Dictionnaire du Moyen Âge* (nt. 124), 1391-1392. Von Brentano, *Albertus magnus* (Nr. 14), 26. C. Hünemörder, Th. v. Cantimpré, in: *Lexikon des Mittelalters*, vol. 8, München-Zürich 1999, 711-714 (Bibliogr.). R. Imbach/D. Nienhaus, *Von Alcuinus bis Nicolaus Cusanus. Bio-bibliographisches Repertorium der Philosophie im lateinischen Mittelalter*, in: P. Schulthess/R. Imbach, *Die Philosophie im lateinischen Mittelalter*, Düsseldorf-Zürich 1996, 595-596. Kaeppli/Panella, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 4 (nt. 104), 344-355 (Bibliogr.). De Loë, *De vita et scriptis*, I (nt. 8), 258-259. Mandonnet, *Thomas d'Aquin, novice prêcheur 1244-1246* (Nr. 14), 490-491, 494-495, 508. E. Meyer/C. Jessen, *Appendices editorum* c. 4, in: *Albertus Magnus, De vegetabilibus libri VII*, edd. E. Meyer/C. Jessen, Berlin 1867, 677-678. Paravicini Bagliani, *La légende médiévale d'Albert le Grand (1270-1435)* (nt. 8), 300-301, 335-336. Scheeben, *Albert der Große* (nt. 2), 23, 29; id., *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 188 (Separatum 12) nt. 42. Sighart, *Albertus Magnus* (nt. 8), VII, 51. Stegmüller, *Repertorium commentariorum in Sententias Petri Lombardi*, vol. 1 (Nr. 7), 423-424. Walz, *Albert der Große als Lector Coloniensis* (nt. 1), 155.

[16] Ulrico de Estrasburgo († 1277)

Ulrico de Estrasburgo é considerado na historiografia como aluno favorito de Alberto. Supõe-se que, entre 1248 e 1254, ele tenha se sentado aos pés do mestre no *studium generale* em Colônia. João de Freiburg atesta que Ulrich foi um leitor coroado de sucesso e que, após o término de seu mandato como Provincial *ad legendum*, ele foi enviado para Paris, onde morreu antes de estrear sua atividade de ensino. Além disso, é comprovado que Ulrico de Estrasburgo, Provincial da Província Dominicana da Teutônia (1272-1277), e João de Vercelli, Mestre dos Dominicanos (1264-1283), se encontraram em 1273 no Convento de Colônia, no qual Alberto Magno viveu. De acordo com A. Fries, que emite um juízo do ponto de vista da obra principal de Ulrico "*De summo bono*", esse aluno de Alberto não pertenceu aos

pensadores independentes que, com seu trabalho científico, deram uma contribuição original baseada na pesquisa das fontes. Entretanto, ele era um excelente leitor que sabia como acessar e transmitir com sucesso os resultados da pesquisa dos outros e torná-los compreendidos. Isso vale particularmente para a teologia com seu traço neoplatônico-dionisiano conferido por Alberto, seu caráter místico e também bíblico-prático.

Literatura: Backes, *Die Christologie* (nt. 130). Baeumker, *Der Anteil des Elsaß an den geistigen Bewegungen des Mittelalters* (nt. 123), 232 sq., 236-242. Fries, *Johannes von Freiburg, Schüler Ulrichs von Straßburg* (Nr. 7), 332-340, bes. 333; id., *Einfluß des Thomas auf liturgisches und homiletisches Schrifttum des 13. Jahrhunderts* (nt. 77), 332. Geyer, *Das Verhältnis der Summa de summo bono* (nt. 130). Grabmann, *Studien über Ulrich von Straßburg* (nt. 79), 147-221. De Loë, *De vita et scriptis*, I (nt. 8), 260. Kaeppli/Panella, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 4 (nt. 104), 418-423 (Bibliogr.). Löhr, *Die Kölner Dominikanerschule* (nt. 63), 11. Müller, *Natürliche Moral und philosophische Ethik bei Albertus Magnus* (Nr. 14), 383-385, 397. Scheeben, *Albert der Große* (nt. 2), 29, 98-105; id., *De Alberti Magni discipulis* (nt. 4), 207-212 (Separatum 31-36). Paravicini Bagliani, *La légende médiévale d'Albert le Grand (1270-1435)* (nt. 8), 299-300, 337. Sighart, *Albertus Magnus* (nt. 8), 50. Tugwell, *Albert the Great* (Nr. 2), 11, 23. Walz, *Albert der Große als Lector Coloniensis* (nt. 1), 155.

[17] Wilhelmus de Werigehale Anglicus

De acordo com o autotestemunho na carta a Cristina de Stommeln, que J. Gallén (*La province de Dacie de l'ordre des Frères Prêcheurs, I*, Helsingfors-Rome 1940, 239, 244) data “antes de 1277”, ele estudou nos *studium generale* dos Dominicanos em Colônia.

Lit.: Kaeppli, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, vol. 2 (Nr. 6), 172. R. Sharpe, *A Handlist of the Latin Writers of Great Britain and Ireland before 1540*, Turnhout 22001, 817 Nr. 2212.

In: SPEER, Andreas; JESCHKE, Thomas (Hgg.). *Schüler und Meister* (Miscellanea Mediaevalia; Bd. 39). Berlin: de Gruyter, 2016.

Agradecemos Henryk Anzulewicz, autor desse artigo importantíssimo para a pesquisa e o conhecimento sobre Alberto Magno, pelo seu trabalho e sua generosidade em permitir sua tradução em português, bem como pela disponibilidade em compartilhar sua produção com muita generosidade. À editora alemã, onde foi publicado pela primeira vez este artigo, nossa gratidão.

Matteo Raschiatti, tradutor.